ANO 17.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1937 N.º 5256

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SÁ
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O SR. dr. Pedro José da Cunha, atingido pelo limite de idade, abandonou hoje as suas funções de professor na Faculdade de Ciencias.

Homem de ciencia, inteiramente devotado á sua profissão, mestre de sucessivas gerações que vêem nele um exemplo em tudo digno de ser seguido, a sua actividade deve considerar-se verdadeiramente notavel para o progresso dos matematicos entre nós.

O dr. Pedro José da Cunha tem sido o inspirador e o orientador de varias organizações de caracter pedagogico, dedicando ao seu desenvolvimento muito da sua actividade incansavel e dos seus invulgares conhecimentos de problemas educativos. Colonialista distinto, por mais de uma vez a sua voz autorizada se tem feito tambem ouvir, podendo considerar-se verdadeiras lições de ciencia colonial algumas das conferencias que sobre essa questão tem realizado na Sociedade de Geografia.

O Conselho da Faculdade de Ciencias prestou-lhe ontem uma significativa homenagem á qual se associarão, por certo, todos os portugueses que conhecem a magnifica actividade do ilustre professor.

* * *

O CONFLITO hoteleiro, em França por motivo da Semana das 40 horas, teve uma solução, aquela solução, provisoria que seja, que o bom senso dos franceses encontra sempre nos momentos criticos.

Quando a ameaça da greve estalou deu-se grande relevo ao acontecimento, indiscutivelmente sério. A solução passou quasi despercebida.

Esta disparidade, só em aparencia de extranhar, tem o seu fundamento no facto de, logo no começo das negociações, toda a gente se ter apercebido de que a greve não se daria, porque «á França não convinha». O assunto estava morto antes da solução, e as agencias telegraficas limitaram-se a anotar a ponta final da concordia.

Por reflexo, queremos crer, em Portugal a projecção do acontecimento estava já amortecida.

* * *

A EMISSORA Nacional vai editar as palestras radiofonicas que o sr. dr. Tomaz Ribeiro Colaço vem fazendo com tanto exito ao microfone daquele posto, em series de vinte palestras por volume. O primeiro deve sair dentro de breves dias com o titulo «Ao microfone, tal qual se fala» e está, certamente, destinado a alcançar um exito igual, senão superior, ao das palestras faladas, tanto mais que se trata duma edição graficamente primorosa e ao alcance de todas as bolsas.

* * *

ALVES de Azevedo publicou Erasmo e a mensagem dos Humanistas. *E' um estudo interessante sobre a Renascença em que o homem que escreveu o* Elogio da Loucura *se apresenta como o defensor da razão e da tolerancia.*

FABULAS

Nevara durante a noite e o lobo, escondido entre fragas, com fome, cansaço e velhice, viu aparecer o sol, sobre nuvens esbranquiçadas e moles, por detrás dos montes onde os pinheiros sibilavam com o vento que os sacudia:

— Segurai-vos, raizes, contra as furias dos elementos...

O vagabundo, como certo personagem de Shakspeare, fixou a vastidão desolada que o rio, lá em baixo, agravava com a tristeza rouca da sua corrente e desbatou assim:

— Vinte e quatro horas tem o dia e nelas não existe um segundo de esperança para mim. Sinto frio nos ossos, torpor nas pernas e dores no estomago. E' isto ainda vida ou a morte anda a tratos comigo? ...

Pôs-se de pé com dificuldade, escancarou a boca desdentada e suja, mas não lhe ocorreu idéa para resolver este problema:

— Que é melhor: deixar-me cair num precipicio ou romper pelo mato, á busca de magro almoço?

Inconscientemente, impelido por obscuros designios, arriscou, através da neve, as suas passadas de fera desenganada e tremula. Um pobre passarito, que piava no ramo breve duma esteva, ao vê-lo passar, condoeu-se dele e avisou o solicito:

— Não vás por esse lado, porque as pedras são duras, afiadas e reboladias. Corta para a direita...

Ele mediu-o com o olhar nevoento, intrigado com a inesperada prova de carinho:

— Porque te compadeces de mim? preguntou com a vaga sensação de que na propria rocha havia piedade e as avesinhas percebiam a dor alheia.

— Vejo-te em estado tal que, se ninguem te guiar e amparar, tens proxima a sepultura!

— Ha muitos anos que vivo fora da lei como um criminoso. Não conheço nobres sentimentos nem afeições ternas. Matei para viver e vivi para matar. Quantos inocentes não despedacei, abafando-lhe os gemidos! Queria chorar, mas não consigo. Existe, por ventura, perdão para os assassinos da minha especie?

— Pelo teu falar, advinho quem tu és. Quantas vezes tremi dos teus uivos sinistros! Por ser pequenino, nunca reparaste em mim. Felismente! Presenciei eu a feresa com que devoraste o cordeiro, tão confiado na verdade das respostas que te deu. De nada te valeu, porém, seres forte, cruel e vagabundo, pois agora achas-te mais desgraçado que todas as desgraças que fizeste...

O lobo, sem forças para resistir aos fados inclementes, com a pelagem eriçada pelas rispidas aragens que sopravam, alquebrado, desfalecido e cheio de amargura, murmurou:

— Não me reavives as negras lembranças dos crimes que cometi. Quem eu fui, bem o sei. Todo o meu passado avança para mim molhado de sangue. Sofrimento odioso, como te vingas! Ha pouco mostraste interesse, indicando-me o melhor caminho, quasi me consideraste teu irmão. Pouco durou a compaixão, visto que agora manifestas asco e desgosto. Pudera! o reprobo não tem guarida em parte alguma.

— Como te iludes, perdido! No instante em que o remorso te espicaça, mas não punge, por não teres coração, volto a repetir-te: «Muda de direcção, aliás tombas num fatal precipicio». Segue o meu conselho — o unico bem que posso dar-te.

— Pouco me basta, quando tudo me foge. Obrigado, pela imensidade da tua oferta! Se me fosse possivel ser bom e justo, arrancaria o peito para o entregar á dor. Por infelicidade, ha dentro de mim qualquer cousa, dura como o ferro, que não ousa converter-se em pranto.

8 de julho de 1937.

GLAUCIAS

O SR. Lebrum, presidente da Republica francesa, visitou ha pouco os vinhedos de Anjou. A uma linda rapariga que lhe ofereceu um ramo de flores beijou-a na face fresca e rosea. Dos vinhatarios que o convidaram e aclamaram recebeu um faiscante copo de vinho que bebeu, com as suas felicitações á região onde as cêpas conservam o fogo e o perfume das idades pagãs.

Os jornais franceses publicam, com intenção elogiosa, a efigie do sr. Lebrum que saboreia o nectar que tanto ajuda a humanidade a suportar a sua cruz.

Como, entre nós, ha pessoas que dizem mal do vinho, culpando-o de erros e vicios com que ele nada tem, apresentamos aos timidos o exemplo do sr. Lebrum, a-fim-de que, enchendo-se de coragem, provem sem receio as boas pingas *nacionais, afogando nelas os desgostos, as doenças e as coleras irreflectidas.*

* * *

O CORONEL do Estado Maior General belga, Merzbach, no seu artigo «L'alliance du Portugal dans la Grande Guerra», descreve, no conjunto, a acção do nosso país no grande conflito armado de 1914-1918, nos aspectos colonial e maritimo, e na frente da Flandres, com larga soma de subsidios e citações, e com a autoridade do seu nome militar prestigioso.

Assinala que as colonias portuguesas foram utilissimas aos aliados, alude ás duras acções militares de Angola e de Moçambique, nem sempre compreendidas, aos pontos estrategicos da Madeira, Açores, Cabo Verde, S. Tomé e Guiné, á instalação da base naval norte-americana nos Açores, e á base naval francesa em Leixões (1917).

O artigo tem interesse sob o aspecto descritivo militar e nalguns pontos sob o aspecto critico.

* * *

AQUILINO Ribeiro publicou O Galante Seculo XVIII, *edição cuidada da Livraria Bertrand. Reedita obras do Cavaleiro de Oliveira com prologo do ilustre romancista. Leitura agradavel, ás vezes mordente de ironia e cinismo, outras anecdotica e pitoresca, mas cheia de proveitosos ensinamentos.*

Aquilino Ribeiro entendeu e muito bem que devia restituir á luz do nosso seculo o escritor que andou pelo mundo, á busca da fortuna, e que, acabou por encontrá-la, depois de morto, nas aventuras da publicidade.

* * *

NO proximo dia 10, chega a Lisboa, vindo do Brasil o poeta Antonio Corrêa de Oliveira que, além-Atlantico obteve aplausos e admirações concedidos sómente a grandes nomes literarios. Prepara-se-lhe uma calorosa recepção que seja ao mesmo tempo cumprimento de boas-vindas e homenagem á sua obra consagrada á elegia e á gloria da raça.

Os estudantes coloniais

em Caldas, Obidos e Tomar

TOMAR, 8.—(Pelo telefone).—Pelas 8 e 30 o Cruzeiro dos estudantes de Angola e Moçambique á Metropole, abandonou as Caldas da Rainha e pouco depois chegava a Obidos. A' entrada da vila os estudantes coloniais eram aguardados pelos srs. D. José Siqueira, presidente da Camara e administrador do concelho; dr. Anibal Correia, conservador do Registo Civil, e Candido de Avela, provedor da Misericordio. Foi organizado um pequeno cortejo, em que tomaram parte as crianças das escolas oficiais e a Filarmonica Obidense.

O cortejo atravessou a vila entre palmas e flores, estando as janelas ornamentadas com colchas. Os estudantes visitaram o castelo, as igrejas matriz e da Misericordia, onde se encontravam em exposição os ricos paramentos. Por ultimo, foi visitado o museu, após o que a caravana seguiu em direcção a Tomar, com passagem por Rio Maior, Alcanena e Torres Novas, onde foi muito saudada. A's 13 e 35, depois de percorridos 110 quilometros, a embaixada academica do Ultramar deu entrada em Tomar, onde, junto ao Mouchão-Parque, foi recebida pelos srs. tenente-coronel Jesus Ferreira, presidente da Camara; dr. Mourão, presidente da comissão da União Nacional; capitão Humberto Delgado, adjunto do comando geral da Legião Portuguesa; e major Dias Costa, comandante da Legião em Tomar.

Organizou-se então um cortejo, no qual tomaram parte a «Legião Portuguesa», as referidas entidades oficiais, professores e estudantes coloniais, a Camara Municipal com o seu estandarte, funcionalismo civil e militar, academicos e «Mocidade ortuguesa». A' passagem do cortejo pela rua Serpa Pinto, cujas janelas se encontravam ornamentadas com colchas, as senhoras lançaram flores sobre os estudantes, respondendo estes com saudações. A' chegada do cortejo á Praça da Republica, foram queimados muitos morteiros e levantados entusiasticos «vivas» aos srs. presidente da Republica e do Conselho, Estado Novo e á Patria, aos quais o povo se associou.

No referido Parque foi depois servido o almoço, seguindo-se a visita ao convento de Cristo e á Fabrica de Papel da Matrena. A's 17 horas far-se-á a partida para Santarem, por Tancos, vendo-se na passagem o castelo de Almourol, Barquinha, Chamusca e Alpiarça.

MAESTRO JOSÉ BONET

O Sindicato Nacional dos Musicos iniciou com a quantia de 100$00 uma subscrição para dar ao falecido pianista José Bonet sepultura condigna. Neste sentido, dirigiu circulares a varias colectividades musicais e agradece a adesão de todas as pessoas que o queiram fazer pessoalmente ou por meio de correspondencia para a sua séde, na travessa das Mercês, n.º 3, 1.º, Esq

AUTOMOVEL CLUB DE PORTUGAL

Da Comissão de Turismo do Automovel Club de Portugal recebemos o mapa do estado das estradas, relativo ao verão de 1937, e edição exclusiva para os seus socios.

AOS AMADORES

marcas há muitos, mas «KODAK» é a unica que satisfaz o amador verdadeiramente exigente. Vende-se a prestações de 6$00, com bonus na Papelaria Gomes & Rodrigues, Ld.ª, Largo de D. Estefania, 17 a 21, LISBOA - Telef. P. B. X. 4 1147.

A DIVISÃO DA PALESTINA

Foi convocada a comissão de mandatos

para a apresentação do relatorio inglês

LONDRES, 8—A Comissão Permanente dos Mandatos foi convocada para se reunir em Genebra no dia 30 de julho e, nessa ocasião, o ministro das Colonias britanico, Ormsby Góre, deporá o relatorio sobre a Palestina perante a Comissão.

A Imprensa inglesa discute a possibilidade dum debate no Parlamento acêrca daquele relatorio e acrescenta que os deputados estão muito impressionados pelo facto da Comissão Real ter redigido um relatorio que foi aprovado por unanimidade.—(Havas)

Radiodifusão duma mensagem do alto comissario geral

LONDRES, 8—A noite passada, o posto de Jerusalem radiodifundiu em três linguas oficiais um resumo do relatorio da Comissão Real acêrca da Palestina, assim como a declaração do Governo britanico. Depois, seguiu-se a emissão duma mensagem do alto comissario geral, «sir» Arthur Wanchope. Na referida mensagem o alto comissario instou com o povo da Palestina para que considerasse atentamente os argumentos invocados para a projectada divisão e que só se pronunciassem depois de madura reflexão.

Em determinado passo da sua mensagem, sir Arthur Wauchope acrescentou:

«Peço a todos que só pesem cuidadosamente as vantagens do projecto de divisão, tanto para os arabes como para os judeus, e que verifiquem se o projecto em questão resolve duma maneira justa e prática as dificuldades que até ao presente tanto têm contribuido para a infelicidade da Palestina. Por minha parte—concluiu—alimento a esperança de que o mencionado projecto não só porá termo ás presentes dissenções, mas tambem criará uma nova era de boa vontade e de satisfação para os arabes e judeus.—(Havas).

Como é encarada a criação de dois estados naquela região

LONDRES, 8. — Os jornais entendem que a proposta do relatorio da comissão da Palestina sôbre uma divisão dêste pais num estado arabe e num estado judeu, encontrará a oposição dos meios arabes e dos meios judaicos.

O «Times» escreve que os interêsses estrategicos da Inglaterra se limitariam á criação de bases para as fôrças britanicas do Egipto, se estas tivessem de deixar a zona do canal, para a protecção da condução de oleo do Irak, com a sua embocadura em Haifa e para a manutenção das facilidades que a Inglaterra possui na Palestina para a ligação aerea com as Indias.

O «Daily Telegraph» declara que a proposta de divisão foi feita para afastar definitivamente o receio duma luta perigosa.

O «Morning Post» afirma que esta proposta de divisão é uma solução boa e imparcial.

O «Daily Herald» crê que ninguem poderia ter proposto melhor solução para um problema tão complicado.

Apenas o «Daily Express» rejeita completamente o relatorio da comissão da Palestina. Este jornal é de opinião que em 1915 se prometeu este país aos arabes e em 1917 aos judeus. Deviam portanto cingir-se á primeira promessa. O estado judeu proposto não seria mesmo uma vantagem para os judeus. Os judeus razoaveis não desejam um estado nacional judaico. O governo britanico nunca poderia permitir que a Inglaterra seja assim envolvida em questões de raça ou de religião. Devia restituir-se o pais ao povo que o habitava na sua maior parte, ou seja aos arabes.—(D. N. B.).

Arrematantes de bens do Estado

Um decreto-lei hoje publicado na folha oficial permite que aos arrematantes de bens do Estado a quem, nos termos do artigo 7.º do decreto-lei n.º 25.547, fôr autorizado o pagamento do preço de arrematação num numero de prestações superior a quatro seja igualmente autorizado o pagamento em igual numero de semestralidades da importancia da sisa, e estende a quaisquer bens ou direitos a faculdade de os executados os rehaverem enquanto estiverem na posse da Fazenda Nacional.

ENSINO LICEAL NAS COLONIAS

Foi publicado um diploma, mandando publicar e pôr em vigôr, com algumas alterações, nas colonias de Angola, Cabo Verde, Estado da India, Macau e Moçambique a portaria n.º 8.735, que permite a admissão a exames nas disciplinas do 2.º, 4.º e 5.º anos dos liceus, exclusivamente, para o efeito de matricula no ano imediato, como internos, dos alunos que no ensino particular ou domestico se encontram matriculados naquelas disciplinas.

Fiscalização de vinhos estrangeiros

Foi autorizado, por decreto hoje publicado, o sr. ministro da Agricultura a nomear ou contratar, pela Inspecção Geral das Industrias e Comercio Agricolas, o pessoal tecnico indispensavel para exercer a fiscalização do comercio dos vinhos de marca, de origem estrangeira, e promover a repressão das fraudes, desde que igual procedimento seja adoptado em relação aos vinhos portugueses.

Grande Hotel d'Italia
Monte Estoril

Aberto todo o Ano

Nova Direcção Tecnica. Situação excelente. Linda vista sobre o mar. Esmerado serviço de cosinha. Serviços especiais de Chás e Banquetes. Preços moderados. Telefone: Estoril, 13.

O dia religioso

AMANHÃ, 9—S. Zenon e companheiros martires.

Lausperene, sai da igreja de S. João da Praça, para a da Conceição Nova.

S. João da Praça, ás 11 e 30, missa solene, por musica e Benção.

Conceição Nova, ás 11 e 30, missa, por musica; ás 19 Terço de benditos.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

DURANTE 6 MESES FOI-LHE IMPOSSIVEL TRATAR DA LIDA CASEIRA

SEMPRE DE CAMA DEVIDO AO REUMATISMO

Os joelhos inchados — o pescoço imobilizado e com dôres — impossibilitada de saír da cama. Tal era a situação desta pobre mulher de Sintra, quando começou a tomar os Sais Kruschen.

Sofreu de reumatismo no pescoço e nos joelhos durante anos e esteve de cama meses seguidos. Nada lhe dava alivios. O primeiro frasco que tomou desinchou-lhe os joelhos. Bem depressa o pescoço ficou tambem livre das dôres. Começou a tomar Kruschen ha 3 meses e hoje já pode ocupar-se, novamente, das lidas caseiras, o que lhe foi impossivel fazer durante 6 meses seguidos.

Os Sais Kruschen dão rapidos alivios ás dôres, horriveis como facadas, do reumatismo, pois libertam o sangue de todos os vestigios do acido urico. Dois dos ingredientes que compõem Kruschen, destroem as agudas arestas dos cristais de acido urico, dissolvendo-os em seguida. Outros dos seus componentes, auxiliam a natureza a expulsar os cristais dissolvidos, pelas vias naturais.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmacias a Esc. 17$00 o frasco grande e Esc. 10$00 o pequeno.

MARTINI

apresenta...

O
ELIXIR QUINA MARTINI
um licôr excepcional
DIGESTIVO
APERITIVO
TÓNICO
ESTOMACAL

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3713

Partida de Sintra

aos domingos, ás 8 e 15

SERVIÇO ULTRA-RAPIDO

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA e AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (R. do Arsenal)

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações. Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

Felicidade no lar

Novos e Velhos

todos
gozam
excelente
saúde
porque só bebem

AGUA DAS LOMBADAS

A MELHOR DE MÊSA NATURAL GAZOSA

Inaugura-se na proxima semana

a I Exposição Teatral Portuguesa

Está marcada para um dos dias da proxima semana a inauguração da I Exposição Teatral Portuguesa, iniciativa com que a Camara Municipal de Lsiboa corresponde ao pedido que lhe foi feito pela Academia das Ciencias de Lisboa para se associar ás comemorações do 4.º Centenario da morte de Gil Vicente.

Trata-se dum importante acontecimento cultural e citadino, visto que é o primeiro certame que no genero se efectua entre nós, e que compreenderá variadissimas secções, abrangendo bibliografia, econografia, documentação, indumentaria, cenografia, recordações dos grandes artistas mortos, curiosidades varias, enfim, um conjunto que dificilmente se poderá reunir outra vez, visto que resulta da conjugação de boas vontades e da colaboração de muitas entidades oficiais e coleccionadores particulares.

O sr. dr. Jorge de Faria, que com Lino Ferreira, tem sido o grande animador desta interessantissima demonstração retrospectiva do teatro português, pôs á disposição da Camara a sua valiosissima colecção, o que garantiu, desde logo, o pleno exito da exposição. De facto, o departamento erudito do certame apresenta-nos especies que vão despertar a maior curiosidade. Algumas secções merecem desde já um relêvo especial, como por exemplo as que se referem a Portugal e aos portugueses no teatro estrangeiro, onde se observam varias peças em espanhol, francês, alemão, inglês e italiano, destacando-se os dramas de Shakespeare com alusões ao nosso país, o «Pinto», de Lemercier, «La Revolution du Portugal, Braganza», etc., sobre a restauração, quatro edições do «Trenblement de Terre de Lisbonne», o rarissimo «Malagrida», de Longh; a preciosa inisiana, que contém numerosissimas especies impressas e manuscritas sobre os amores tragicos de D. Pedro e Dona Inês, escritas em todas as linguas e em todas as epocas, desde a celebre tragedia de Antonio Ferreira até ao drama de Marcelino Mesquita; uma visão panoramica de bibliografia teatral, abrangendo ensaios criticos, historicos, bibliograficos, memorias, etc., um conjunto da evolução da literatura dramatica portuguesa nos três ultimos seculos, através das obras mais representativas e dos exemplares mai sraros; uma colecção de revistas impressas, desde as de Manuel Roussedo ás de André Brun; autos do Natal e tragi-comedias dos jesuitas; operetas; traduções portuguesas das obras primas de teatro mundial; peças de actores, colecção interessantissima e muito rara; jornais; modinhas e canções, destacando-se o celebre «Jornal de Modinhas Novas», de 1796; poesias impressas sobre seda; versos avulsos; autografos; censura e respectivos pareceres; direito e legislação; critica; peças manuscritas; dramaturgos portugueses que escreveram em espanhol, etc.

A rapida enumeração que aí fica mostra já o interesse bibliografico e documental que, nas suas secções eruditas, a Exposição apresenta. Acrescenta-se o arquivo econografico que ela constitui e o valor artistico que, através da colaboração dos maiores pintores portugueses, ela representa para se avaliar como é justificada a curiosidade do publico em volta de mais esta demonstração cultural do Municipio de Lisboa.

Companhia Nacional de Navegação

Sob a presidencia do sr. conde de Monte Real reuniu-se esta tarde a assembléa geral da Companhia Nacional de Navegação que aprovou o relatorio e contas da gerencia de 1936.

O resultado do exercicio foi de 7.902 contos, com despesa de 52.270 contos e receita de 62.579 contos, deduzida do lucro liquido de 4.405 contos a percentagem dos fundos de reserva.

Do lucro liquido destinam-se, um terço, para amortização da frota e dois terços para o fundo de aquisição de navios. Durante o ano passado, a companhia transportou 48.666 passageiros e 267.306 toneladas.

A assembléa, apoiando as palavras de repulsa do presidente pelo atentado contra o sr. dr. Oliveira Salazar, aclamou, de pé, o chefe do Governo.

Café Luso

Hoje importante programa com os distintos artistas Madalena de Melo, Maria Virginia, Modesto Maia, Lino Teixeira e Francis, nas suas magnificas exibições em concertina, xilofone, violino, etc. Noite de arte e bem estar V. Ex.ª tome nota, que no Café Luso não ha calor; tem ventilação natural e artificial. Consumo 1$30. Avenida da Liberdade, 31.

DA-WA
CHARCUTERIA
TELEFONE 4 9764
AV. DUQUE D'AVILA, 38-B
Maintenant Aussi de la bière Ouvert jusq'au minuit!

Como acabou a historia

do roubo dum cão...

Ante-ontem, á noite, num restaurante da avenida da Liberdade, roubaram um cão ao actor Octavio de Matos que publicou um anuncio nos jornais, oferecendo alviçaras, ao mesmo tempo que apresentava queixa no Torel.

O agente Anibal Costa, tendo recebido comunicação do dono dum canil, de que dois individuos lhe haviam proposto, por 240 escudos, a venda dum cão que valia mais de mil, foi ali, com aquele popular artista que, fingindo querer comprar o animal, interrogou os gatunos. Estes, ao verem-se descobertos, pediram perdão, chorando, ao actor Octavio de Matos que se dirigiu ao dr. Simões Figueirinhas, pedindo-lhe a libertação dos dois individuos e prometendo-lhe empregar um deles, comovido com a situação de miseria em que os dois se encontravam.

"HORA DE ARTE"

Foi interessantissima a «Hora de Arte» promovida pelas senhoras protectoras do 5.º batalhão de legionarios. As mesmas senhoras tencionam realizar outras festas como a de ontem, a favor do cofre de beneficencia do mesmo batalhão.

A ilustre escritora sr.ª D. Madalena de Trigueiros Martel Patricio fez uma brilhante conferencia, seguindo-se numeros de musica e de dansa.

A festa de ontem realizou-se na Escola de Antonio Feliciano de Castilho. Mas as que estão em preparação devem ter lugar na séde do 5.º batalhão, numa dependencia do Palacio da Assistencia, no Rato.

Amaragem forçada

ao largo da costa

Esta manhã, quando um hidro-avião da base do Bom Sucesso tripulado pelo 2.º tenente sr. Bernardino Nogueira evolucionava ao largo da costa teve uma avaria no motor e amarou diante do Cabo Raso.

Um vapor estrangeiro transmitiu um radio anunciando o acidente e partiram imediatamente para o mar um rebocador da Armada e uma vedeta da Aviação Naval para dar reboque ao aparelho.

A's 17 horas, o hidro vinha já rio acima. As avarias são insignificantes e o piloto nada sofreu.

Beijo que saiu caro

BRESLAU, 8—Um israelita, Ludwig Rosenbaum, foi condenado a 1 ano de cadeia por ter beijado uma «ariana», que aceitara um lugar num automovel que ele guiava.—(Havas)

30 pessoas mortas

em consequencia da queda duma ponte

LIMA, 8—Abateu a ponte sobre o rio Inanbiri, em Leroya (Arequipa) e morreram trinta pessoas, que passavam carregadas de minerio.—(A.)

A esquadra francesa

continua em manobras

PARIS, 8—A esquadra francesa do Mediterraneo continua as suas manobras navais, há dias iniciadas.—(D. N. B.)

PROGRAMAS DE HOJE

TIVOLI — TELEF. 5 0595 — A's 21 e 30
5.ª semana — A Revolução de maio — filme português de Antonio Lopes Ribeiro, com Maria Clara, Martinez, Emilia de Oliveira, Alex. Azevedo, Luiz Campos, Ribeirinho, etc.

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172
A Cidade do Oiro — com Warner Baxter e Ann Loring

ODEON — A's 21 e 30
PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163
Telef. 2 6283
O Heroi Publico n.º 1 — com Chester Morris
O Inimigo Publico n.º 1 — com Gable e Powell
Os cartões de convite com 50 % são válidos todos os dias, de tarde e á noite, nos dois cinemas, excepto aos domingos.

CONDES — A's 21 e 30
TEL. 2523 — 2.ª semana
A Floresta Petrificada — com Bette Davis e Leslie Howard
Nitchevo

CAPITOLIO — Tel. 27493 — A's 21.15
Pés que dansam — com Eddie Mugent
A ultima batalha

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 4 3160.
Candidata a milionaria
A Rosa do Rancho

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21
Doidos milionarios
Espelho de vida

PAVILHÃO PORTUGUÊS
A's 21 e 15
Furia Negra
O Triunfo do Tango

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Homem sem rosto

2.800
APARELHOS DE RADIOTELEFONIA
FORDSON
importados e vendidos em 6 meses provam a preferencia do publico
— Um sucesso sem precedentes
conseguimo-lo apenas com eloquente propaganda dos nossos clientes e com o sacrificio de lucro na venda de cada unidade para obtermos a compensação num elevado numero de vendas.
— Vendas com facilidades de pagamento.
— Aparelhos de 5 a 11 valvulas para todas as correntes e todas as ondas desde Esc. 320$00 a 1.600$00.
— No seu proprio interesse não deve V. Ex.ª decidir a sua escolha sem visitar a nossa exposição e pedir uma demonstração dum
Radio Fordson
Requisitem o novo catalogo e visitem a exposição dos
Radios Fordson
nos representantes:
SOCIEDADE COMERCIAL AVIZ, Ld.ª
Av. da Liberdade, 164, r/c.
LISBOA — Telefone 2 9627

Espectaculos

«A Senhora da Atalaia», no Maria Vitoria

Definitivamente, é amanhã que o Maria Vitoria reabre as suas portas para apresentar ao seu publico fiel e dedicado, que é toda a gente de Lisboa, mais uma opereta portuguesa, uma opereta popular, uma opereta bairrista, focada na Madragôa, que é o bairro mais pitoresco de Lisboa, grande, povoadissimo, com a sua gente ribeirinha, os seus tipos caracteristicos, a alegria das suas dansas e dos seus cantares, a bizarria dos seus trajos e a riqueza dos seus oiros: «A Senhora da Atalaia». Os espectaculos realizam-se em duas sessões, ás 20 e 45 e 23 horas.

Atrás do reposteiro

A vedeta Corina Freire terá na revista «Portugal está na moda» um enternecido ambiente de elegancia e de bom gosto para poder interpretar os numero que lhe foram distribuidos, entre eles alguns de recorte regional, vestidos com «toilettes» encantadoras.

—Foi operado num dos olhos, pelo sr. dr. Mario Moutinho o artista-empresario Armando de Vasconcelos, cujo estado é absolutamente satisfatorio.

—A companhia Beatriz Costa, á qual se juntará no Rio de Janeiro, o ponto Carlos Torres e o contra-regra Raul Sarfedas, sairá de Lisboa acompanhada por uma mestra de guarda-roupa, D. Helena Soares, e ainda pelo secretario teatral da Empresa José Loureiro, Alberto Gorjão, com o encargo da sua gerencia e administração, representando aquela empresa.

—Está doente, submetido a um aturado tratamento, o escritor teatral Luiz Palmeirim.

—Para a comedia «Riquezas da sua avó», em ensaios dirigidos pela grande actriz Palmira Bastos, tambem estão pintando cenarios as artistas Baltazar Rodrigues e José Mergulhão.

—Os quadros folcloricos que a «tournée» Joaquim Miranda vai realizar no Alentejo, em agosto, são os seguintes: «Pastores da Serra», «Queijeiras», «Vindimas», «Ceifeiras», «Pescadores» e «Linho e lã». Estes espectaculos intitular-se-ão «Noites de Nun'Alvares».

—Estreia-se amanhã em Vinhais, onde realizará dois espectaculos seguidos, o Teatro do Povo, que dali segue para Vimioso, percorrendo seguidamente varias terras dos distritos de Vila Real, Guarda, Viseu, Porto, Aveiro e Castelo Branco.

—Os artistas da «tournée» Carlos Dubini, percorrendo a Beira Baixa, foram vitimas dum desastre de camioneta, tendo ficado ligeiramente ferida uma das actrizes da companhia.

—Dina Tereza cantará hoje, á meia noite na Emissora Nacional, alguns fados e canções portuguesas numa emissão especial para o Brasil. Sabemos que, avisados por telegramas, muitos elementos da colonia portuguesa aguardam a hora da referida emissão, figurando entre estes os empresarios João de Oliveira e Araujo, do Teatro Republica.

—Por motivo da sua proxima partida para o Rio de Janeiro, com a companhia Beatriz Costa, realiza-se no proximo domingo 11, a «matinée» de homenagem á popular cantadeira de fados, Maria Repromissa, que estava anunciada para 25 do corrente.

CARTAZ

CINEMAS

Capitolio—A's 21 e 15.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 15.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Odéon—As 21 e 15.
Pavilhão Português—A's 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Rex—A's 21.
Royal-Cine—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.

CASA DE REPOUSO

para intelectuais e artistas

Deve abrir por todo o mês de agosto, em Colares, a Casa de Repouso para intelectuais e artistas, a que já nos temos referido.

Esta Casa de Repouso merece as simpatias de todos os que se interessam a valer pelas obras de alcance social.

JURIS DE EXAMES DE APTIDÃO

O «Diario do Governo» publicou hoje uma portaria, nomeando os respectivos juris dos exames de aptidão exigidos para a primeira matricula nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, no ano lectivo de 1937-1938.

VIOLENTO INCENDIO

FREIXO DE ESPADA Á CINTA, 8.— Um pavoroso incendio destruiu, a noite passada, a casa de habitação do sr. Americo Isaias, da freguesia de Lagoaça, deste concelho. Os prejuizos estão cobertos pelo seguro.

O "DIARIO DE LISBOA„ EM PARIS

Cesar está de novo na Galia

Impressões colhidas no Pavilhão de Italia

PARIS, julho de 1937—Cesar está de novo na Galia. A sua estatua equestre pousa nas margens do Sena, olhando Paris. Uma corôa de louros cinge a testa alta e fina do imperador, mas desta vez não trouxe o gladio da conquista. Roma pensou, apenas, em afirmar a sua grandeza, mostrando a obra politica do fascismo.

A arquitectura do pavilhão de Italia, exteriormente, não é feliz. Falta-lhe elegancia e proporção. «Dizer o que é». Uma torre baixa e quadrada, dividida em andares, rasgados de varandas e, no cimo, um teoria de estatuas que mal se vêem. Quis-se ligar a arquitectura moderna ao classico romano, e não se conseguiu. O seu aspecto é de sanatorio de altitude. Por dentro, a impressão modifica-se. O atrio é belo, com a sua dupla fila de columas, e, no fundo, uma parede gigantesca, altar e simbolo, no alto da qual se lê esta expressiva legenda de orgulho: «Italia est caput urbs numquam obscura nomina».

A loba romana amamentando Romulo e Remo, as varas dos litores, e, como padroeira, uma estranha mulher de bronze, cujas roupagens vôam, entre um enxame de asas de aviões. Só estes atributos quebram a nudez grandiosa da parede. Dir-se-ia que descem sobre ela um silencio de eternidade e o peso dos seculos. Mas ha que vêr uma série de frescos, onde estão representadas as letras capitulares da historia italiana. Reis, poetas, pintores e até revolucionarios. Entre outros, Victor Manuel, Cavour, Garibaldi, Leopardi, Miguel Angelo e Mussolini. Este, num deserto da Libia, entre brancos albornós de cavaleiros arabes, brandindo, num gesto de teatro historico, a espada de Allah. Como elementos decorativos, a helice do hidro-avião em que Agelo bateu o «récord» de velocidade, 709 quilometros á hora, o primeiro aparelho de T. S. F., de Marconi: uma caixa de charutos, com dois imans, ligados por fios de cobre, e a luneta astronomica de volta. Victor Manuel, com capacete de guerra, e os seus bigodes burgueses, destaca-se sobre um plinto mais acolhedor do que ditador. Tudo está bem, e o visitante pode mesmo sentar-se num dos bancos de estranho marmore verde, venado e pulido, como um corpo de mulher, para contemplar este ambiente de arte e de historia, já em panteão de gloria. Mas entra-se, na primeira sala, e é o delirio. Foto-montagens gigantescas anunciam ao mundo, os fundamentos do imperio italiano. Badoglio, que está presente, num busto finamente modelado, mostra-nos como conquistou a Etiopia, o que lá encontrou, e o que se fez depois. Cartas monumentais retalham o imperio do rei dos reis. Uma floresta de pás, e por baixo, este distico: «Os construtores de estradas». A entrada em Addis-Abeba, numa apoteose convulsiva de entusiasmo, o velho castelo de Gondar, construido pelos portugueses, objectos indigenas, que brilham os seus oiros nativos, graficos, numeros, afirmações e, numa «vitrine», delicadamente iluminada, como se fosse uma joia, um punhal espetado, de lamina fina, o mesmo talvez que abateu a mascarilha negra do duque de Gandia...

Se o primeiro pavimento é a fundação do imperio, o segundo é a construção da cidade. Em «maquettes», de escala reduzida, vêem-se varios edificios sociais recentemente construidos. O Stadium Mussolini, hoteis, urbanizações inteligentes. Não ha palavras, mas factos, e aceitam-se. A exposição redime-se, e encontram-se, como no «Fogo», de d'Annunzio, os maravilhosos vidros de Seguzo, cujo colorido e forma são, na verdade, inexcediveis. Ha peças lindas, frageis e delicadas, em que a materia vitrea tem «nuances» admiraveis. A galeria de pintura é extensa e revela um intimo parentesco com os mestres franceses. A Italia, e fez bem, não quis mandar qualquer dos seus quadros celebres.

Encontro uma linda sala de musica, com um mobiliario admiravel, cujas linhas dum ritmo harmonioso, parecem prolongar os acordes da partitura que um dia ali fôr tocada. As janelas, espiritualizadas de altura, a luz dos tocheiros, dum doirado quente, até o silencio do tapete, são dum valor artistico musical. A mulher passa, num corso de elegancia, na «Via Umberti» —flores de Italia, tecidos sumptuosos, não reparando, talvez, numa serie de instrumentos de optica, que são iguais em toda a parte. Ha ainda que subir á sala de honra. E' a ultima. Mussolini que só, por incidente, nos aparecera, surge, então, com o seu rosto glabro e vigoroso ao lado do rei.

As duas mascaras estão colocadas numa parede de marmore branco, e nela não ha mais nada. Um fresco, de tipo primitivo, que deve representar a Italia; as paginas, em marmore negro do Codigo do Trabalho; uma serie de figuras, em tejolos vidrados, representando todas as actividades humanas, e um lindo lustre, que baixa, como uma tiara de diamantes, numa pulverização de luz. A quarta parede desta sala é inteiramente de vidro pintado. Apesar da sua extensão, está intacta. De resto, é preciso dizer que ninguem lhe toca...

Eis como a Italia moderna se mostra á França, na soma total dos seus valores. As intenções são visiveis, e se o pavilhão assenta, simbolicamente, nos fundamentos do novo imperio, a cupula, sem Forum, traduz uma afirmação politica tão dura, como terminante. Mas o parisiense talvez não repare nestas coisas. Gosta do seu irmão latino, tanto das suas audacias, como das suas ingratidões.

ARTUR PORTELA

NEGRESCO
RESTAURANTE BAR
O melhor e o mais moderno do País.
Deliciosos Pratos Especiais.
MARISCOS, SALMÃO e TRUTAS

FORTEX
O tonico do cerebro

Barbosa & Costa L.da
Tem em exposição sedas e damascos do mais requintado bom gosto a preços sem competencia.
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

São Luiz: Um filme arrebatador!
A CIDADE DO OIRO
com WARNER BAXTER e milhares de figurantes

Antigo Solar da Alegria
P. Alegria, 56 — Tel. 24290
HOJE: Na Esplanada
Natalia dos Anjos
Lucilia do Carmo
Francisco dos Santos
Manuel Calixto

Exposição de Mobilias
A Casa de Mobilias da Granja convida as pessoas interessadas na compra de mobilias a visitarem as suas exposições, na calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado), onde expõe os mais recentes modelos de luxo, que vende directamente ao publico, dentro da maxima economia.

DA VIDA QUE PASSA

Faleceu o deputado dr. Alexandre de Albuquerque

Dr. Alexandre de Albuquerque

Após dois meses de doença, sofrida com nunca desmentido estoicismo, faleceu hoje, na sua casa da rua D. Carlos de Mascarenhas, 49, o conhecido advogado, escritor, jornalista e antigo deputado monarquico, dr. Alexandre de Albuquerque, um dos espiritos mais corajosos e bem humorados da sua geração.

Nascido em Albergaria-a-Velha, em 1875, fez os primeiros estudos em Aveiro e formou-se em 1899, em Coimbra, onde se tornou popularissimo, sendo conhecido pelo deminuitivo de «Xandre» e a ele se devendo a organização do Centenario da Sebenta, durante o qual, segundo Afonso Lopes Vieira, seu companheiro, com Barbosa de Magalhães e outros, conseguiu que dois mil homens tivessem graça.

Em 1908 veio para Lisboa, iniciando-se então a fase mais ruidosa da sua vida, a do seu duelo com o dr. Afonso Costa, quando do debate parlamentar da famosa questão Hinton. Quando em 1910 se proclamou a Republica era contador da Relação de Lisboa, cargo de que foi imediatamente demitido. Emigrou então para Espanha, fazendo parte das incursões monarquicas e dando provas duma rara valentia, que Joaquim Leitão e outros cronistas puseram em relêvo.

Fracassadas as tentativas da Galisa, foi Alexandre de Albuquerque para o Brasil, onde revalidou a sua formatura com tal exito que Afonso Celso, director da Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro, disse que o acto fôra mais que academico, social e brilhante.

Renovou, então, a sua fase de jornalista, que em Lisboa encetara na direcção de «O Liberal», em substituição de Antonio Cabral, e colaborou intensamente nos jornais «O Paiz», «A B C», «A Epoca» e «Revista Lusitana». Com Malheiro Dias, foi Alexandre de Albuquerque o interprete da colonia portuguesa, e ficaram celebres os seus discursos quando da visita do presidente Antonio José de Almeida, da chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e das visitas dos estudantes de Coimbra e Lisboa, e ainda da homenagem a Ricardo Severo. Um dos seus mais discutidos artigos foi aquele em que fez a previsão do fim da guerra, com todos os pormenores, seis meses antes do armisticio, artigo que foi reproduzido em muitos jornais da America e da Europa.

No Rio de Janeiro ocupou, entre outros cargos, os de secretario geral da Camara de Comercio Portuguesa e do Gabinete Português de Leitura. E escreveu, além de sonetos que Olavo Bilac elogiou, duas peças de teatro: «Espada» e «Fakir do Norte», deixando inedita uma outra «Galante julgamento». Por ser obrigatoria a naturalização brasileira, recusou ser professor da Faculdade do Belo Horisonte e, pela sua acção no Brasil, mereceu da Republica Portuguesa a comenda de Santiago.

Após o movimento de 28 de Maio regressou a Portugal, sendo reintegrado na chefia da secretaria da 2.ª vara de Lisboa. Na Assembléa Nacional continuou com espirito as suas tradições de parlamentar energico. Assistiu ainda ás sessões do ultimo periodo legislativo, e a sua aparição era sempre festejada pelos seus colegas, que muito o estimavam e admiravam. Caracterizava-o a precisão, clareza e incisão, e, como advogado, herdara as faculdades de seu tio, o grande jurisconsulto Correia Teles.

A sua obra literaria—centenas de ensaios e conferencias—anda dispersa por revistas e jornais.

Em livro deixa apenas alguns estudos sôbre a Lirica Camoneana, tema predilecto das suas investigações.

A seu filho, o professor sr. dr. Mario de Albuquerque, apresentamos pesames.

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da morada acima para o cemiterio dos Prazeres.

GRAVE INCIDE

Deram-se viole

entre tropas chine

nos arredores da

TOQUIO, 8.—A Domei informa que, segundo noticias recebidas de Peiping, as tropas chinesas, comandadas pelo general Sung-Che-Yuang, pertencentes ao 29.º exercito, fizeram ante-ontem fogo ás 23 e 40 sôbre as tropas japonesas que procediam a exercicios nocturnos a 18 leguas a Oeste de Peiping. Os combates entre as tropas chinesas e niponicas, que foram muito intensos durante a noite, continuavam de manhã ás 6 e 30.

O ministro dos Estrangeiros comunicou que as tropas chinesas se renderam, depois de terem agitado uma bandeira branca. As tropas niponicas começaram o seu desarmamento.—(Havas).

TOQUIO, 8—A Agencia Domei comunica que se registaram sérios encontros entre tropas japonesas e chinesas.

Um regimento, aquartelado em Luguchiau, abriu, de repente, fogo contra as tropas da guarnição japonesa. Imediatamente chegaram ali reforços japoneses, que faziam parte das guarnições do norte da China, e que foram tambem metralhados pelos chineses.

Na quinta-feira, de manhã, os combates estendiam-se a varias localidades vizinhas. Em Lungwang Misiu a artelharia de campanha teve mesmo de intervir. Não se sabe ainda o numero de vitimas dêste incidente.

A «Domei» declara que os encontros que se travaram agora são os mais sérios dêstes ultimos tempos.

Nos meios politicos considera-se a situação como extremamente séria devido á atitude cada vez mais anti-japonesa da população do norte da China por causa das recentes medidas do governo de Nanquim, em virtude dêste ter colocado a administração independente de Peiping sob o contrôle mais imediato do governo de Nanquim.—(D. N. B.).

Os resultados do primeiro combate

LONDRES, 8.—De Peiping comunicaram á Reuter que o combate entre as tropas chinesas e japonesas acabou ás 9 e 30, depois dos niponicos bombardearem a cidade de Wang-Ping, proximo da ponte de Marcopolo. As autoridades chinesas anunciam que foram mortos ou feridos diversos soldados e 10 civis.—(Havas).

A luta recomeçou

LONDRES, 8.—De Pequim comunicaram á Reuter que recomeçaram as hostilidades entre as tropas niponicas e as chinesas, na região de Yu-Ku-Chiao. No proprio instante em que um telegrama de Changai anunciava o armisticio concluido ás 10 horas (hora local), um telegrama de Pequim informava que o combate recomeçara ás 11 e 40.

O armisticio teoricamente devia durar até ás 12 horas e estabelecia a condição de que as tropas chinesas deviam evacuar Lu-Ku-Chiao até ás 11 horas. As autoridades chinesas tinham recebido de Nanquim instruções para procurarem localizar o incidente.—(Havas).

Comboio de tropas japonesas detido pelas forças chinesas

LONDRES, 8—De Nanquim informam á «Reuter» que os soldados do 29.º Corpo de Exercito chinês detiveram um comboio que seguia de Tien-Tsin para Feng-Tai e que conduzia tropas japonesas para a ponte de Marco Polo. E', portanto, um novo incidente a juntar ao primeiro.—(Havas)

Os chineses tiveram 200 mortos e os japoneses tambem sofreram baixas

CHANGAI, 8.—As negociações sino-japonesas que se realizaram com o fim de regular os incidentes sangrentos ficaram sem resultado. A luta recomeçou então e de fonte japonesa sabe-se que a situação assumiu extrema gravidade. Os chineses já tiveram 200 mortos. As tropas japonesas, vindas de Tungtschau como reforços, não puderam penetrar em Pequim, porque o «comité» ordenara o encerramento das pontes. Nanquim pediu um relatorio ás

FE NA CHINA

ntos combates

sas e japonesas

idade de Pequim

utoridades militares chinesas sôbre os ..contros sangrentos que se registaram nos bairros ao norte de Pequim. O relatorio declara que as tropas japonesas abriram ontem á tarde fogo contra os chineses, a que estes ripostaram.

O Quartel General japonês em Pequim comunica que morreu um oficial japonês e que varios soldados japoneses ficaram feridos. A primeira escaramuça teria sido liquidada pela intervenção de oficiais japoneses. Os japoneses teriam em seguida chamada algumas centenas de homens da guarda da legação.—(D. N. B.).

Nova suspensão das hostilidades

LONDRES, 8—De Pequim comunicaram á Reuter que as hostilidades foram novamente suspensas na região de Lu-Ku-Chiao, prosseguindo as negociações. As tropas chinesas, que participaram nos combates, pertencem em 37 por cento á divisão do 29.º corpo do exercito, comandado pelo general Feng-Chi-Han, governador do Ho-Pei.—(Havas).

Está cortada a linha telefonica Tien-Tsin-Pequim

LONDRES, 8.—De Changai comunicaram á Reuter que, segundo um telegrama recebido de Tien-Tsin, as tropas japonesas se apoderaram da fortaleza chinesa de Lion-Warg-Miao e que, prosseguindo no seu avanço, entraram na cidade de Lu-Ku-Chiao. A linha telefonica de Tien-Tsin a Peiping foi cortada.—(Havas).

Os receios da China

LONDRES, 8—De Changai informam á Reuter que os circulos oficiais chineses se mostram receosos de que o Japão procure—com o recente incidente—ocupar Vlinn. Segundo os mesmos circulos o incidente tem origem num ataque simulado pelos japoneses a Lukuchino, onde costumam fazer manobras. As portas de Pequim foram fechadas. Duzentos homens das tropas japonesas de Tung-Chu não podem, por isso penetrar na cidade para se dirigirem aos seus postos.

Por seu turno, recebe-se de Toquio a informação de que já partiram delegados japoneses de Pequim para abrirem um inquerito. Afirma-se em Toquio que os chineses sabiam muito bem que os japoneses iam fazer manobras nocturnas e acrescenta-se que o incidente não surpreende «pois o 29.º Exercito chinês é composto de elementos especialmente hostis aos japoneses».—(Havas)

O ministerio da Guerra japonês não quere dar importancia ao incidente

TOQUIO, 8.—A respeito do incidente que se produziu na China o representante do Exercito declarou á «Havas» que esse incidente é normal e puramente local e que decerto não se agravará, pois os chineses não têm interêsse em envenenarem exageradamente a questão. De resto, esses incidentes têm já precedentes, um dos quais se verificou o ano passado e na mesma região.—(Havas).

Um terraço onde se está por gosto e se gosa um espectaculo agradavel

Lisboa, que é já uma cidade moderna, pode ufanar-se de possuir uma casa de espectaculos como em poucas capitais do mundo existem. Trata-se do Capitolio com o seu soberbo salão e o seu magnifico terraço, onde o publico, ao ar livre, pode passar uma noite agradavel, gosando uma temperatura amena e um espectaculo de cinema com os melhores filmes da epoca.

Apesar de tudo, o terraço foi este ano dotado com certos melhoramentos que mais ainda o valorizam: bons camarotes com uma vista panoramica sôbre a cidade, que é uma maravilha, uma soberba cobertura dos lados para abrigar das nortadas e defender das surpresas do tempo, e um «écran» que é a ultima palavra para dar relevo ás imagens, sem nos ferir a vista.

O terraço do Capitolio, por todos os motivos, é um verdadeiro paraiso, frequentado pelas melhores familias de Lisboa, e a preços popularissimos.

O ATENTADO DE DOMINGO

Prosseguem as investigações

para a descoberta dos criminosos

Hoje, durante o dia, continuaram a receber-se, na residencia do chefe do Governo, numerosos cartões e telegramas de protesto contra o atentado de domingo e de felicitações por ter saído ileso.

As Policias de Defesa Social, da Investigação Criminal e da Segurança Publica, prosseguem, na mais estreita colaboração, nos trabalhos indispensaveis para o completo esclarecimento do caso e para a captura dos criminosos.

Entretanto, em Lisboa, como em diversos pontos do país, estão-se a rezar missas em acção de graças pelo malôgro do atentado.

Hoje, ás 12 e 30, na igreja da Encarnação, celebrou-se uma missa, mandada dizer por um grupo de mãis de rapazes da «Mocidade Portuguesa», do qual fazem parte as senhoras D. Maria José Nobre Guedes, condessa das Galveias (D. Maria), D. Mariana Porto Soares Franco, D. Elisa da Camara Leme de Serpa Pimentel e D. Maria Teresa O'Neill de Avilez. O templo estava cheio, vendo-se numerosos filiados da «Mocidade Portuguesa», devidamente uniformizados, e as mãis e muitas senhoras de suas familias.

A's 19 e 30 de hoje, promovido por uma comissão de senhoras, de que faz parte a sr.ª D. Cesaltina Carmona Silva e Costa, filha do sr. presidente da Republica, realiza-se, na igreja de Cascais, um «Te-Deum», para o qual estão convidadas as autoridades e toda a população daquela vila e das restantes localidades do concelho.

Para amanhã, sexta-feira, estão anunciadas as seguintes missas: ás 9 horas, na igreja de S. Jorge de Arroios, mandada dizer por um filiado na «Mocidade Portuguesa»; ás 9 e 30, na igreja dos Anjos, mandada celebrar pela respectiva comissão de freguesia da União Nacional; e ás 10 horas, na igreja do Coração de Jesus, mandada rezar pela direcção da Obra das Vocações e dos Seminarios da freguesia, por iniciativa da sr.ª D. Fernanda Faria de Carvalho.

No dia 15, os doentes da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade mandam celebrar, pelas 10 horas, na capela da mesma Ordem, uma missa, dedicada a Nossa Senhora de Fatima. Todas as senhoras que queiram assistir e as familias dos doentes, em vez decomprarem flores, devem entregar o dinheiro a isso destinado ás obras de beneficencia do hospital. No acto, será feita, pelo ministro da Veneravel Ordem, entrega do «Relicario de Portugal».

Por sua vez, a comissão de senhoras legionarias da Brigada Naval, que tomou a iniciativa da realização de uma missa campal, provavelmente no hipodromo do Campo Grande, foi informada pelo sr. Cardial Patriarca de que se fará representar nessa cerimonia por um bispo.

O sr. comandante Ernesto de Vilhena, administrador-delegado da Companhia dos Diamantes de Angola, foi hoje a casa do sr. presidente do Conselho, dar conta do telegrama que recebera da companhia, com sede em Bruxelas, e que é do seguinte teor:

«Peço exprima aos nossos colegas delegados do governo, quanto o sr. Cattier, nós proprios e todos os nossos amigos daqui ficámos satisfeitos pelo primeiro ministro Salazar ter escapado do indigno atentado. Fazemos votos para que ele possa continuar por muito tempo a obra de restauração moral e nacional a que se votou.—*Van Brée* e *Eggrermant*.

O sr. tenente-coronel Freire Temudo, director da Fabrica de Polvora de Barcarena, foi ontem nomeado perito, a fim de proceder ao exame directo das materias explosivas empregadas no fabrico da bomba que foi utilizada no atentado contra o sr. presidente do Conselho.

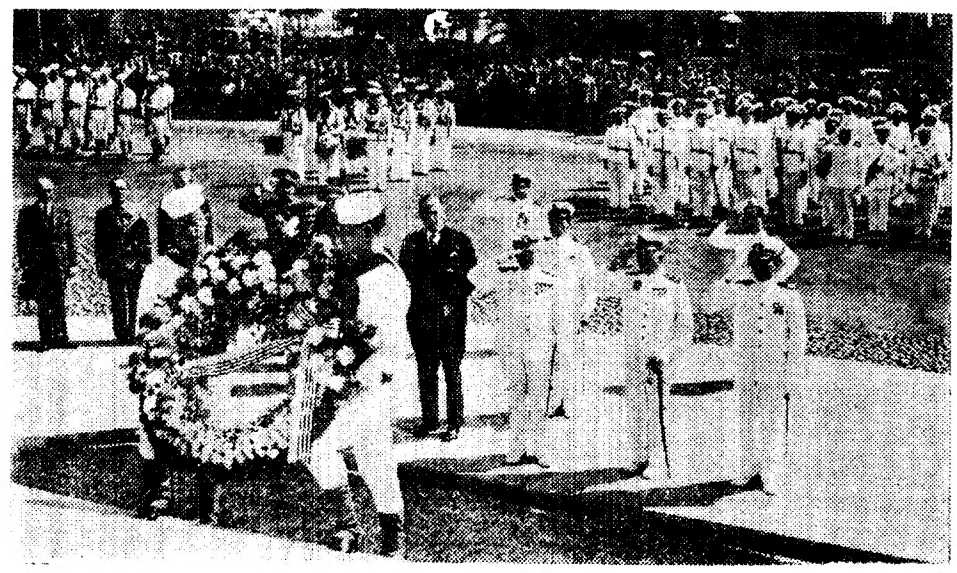
Na sessão de hoje, da Camara Municipal, toda a vereação aprovou, de pé, por aclamação, um voto do seu presidente, sr. general Daniel de Sousa, protestando indignadamente contra o atentado de domingo e congratulando-se pelo seu malôgro.

NAVIOS ESTANGEIROS NO TEJO

O almirante americano Fairfield

depôs hoje uma corôa de flores

no monumento aos Mortos da Guerra



Os marinheiros americanos prestam homenagem aos nossos mortos da guerra

A Armada norte-americana prestou hoje homenagem aos portugueses mortos na Grande Guerra, por intermedio da guarnição do cruzador «Raleigh» que se encontra surto no Tejo.

Pouco antes das 11 horas formaram na avenida da Liberdade, diante do monumento aos mortos, companhias de Marinha, americana e portuguesa e uma companhia de Sapadores de Caminhos de Ferro, com as respectivas bandeiras e bandas de musica.

Estavam representados: o ministerio da Marinha, pelo sr. contra-almirante Ramalho Ortigão; o ministerio da Guerra, pelo sr. tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, e o Governo Militar de Lisboa, pelo sr. major Santos Pedroso. Encontravam-se tambem presentes o sr. major Luiz Santana e deputações de antigos combatentes e dos Invalidos de Guerra.

Cêrca das 11 horas chegaram ao local os srs. encarregados de negocios da America, almirante Fairfield e comandante e oficiais do «Raleigh», os quais foram recebidos e saudados pela oficialidade presente.

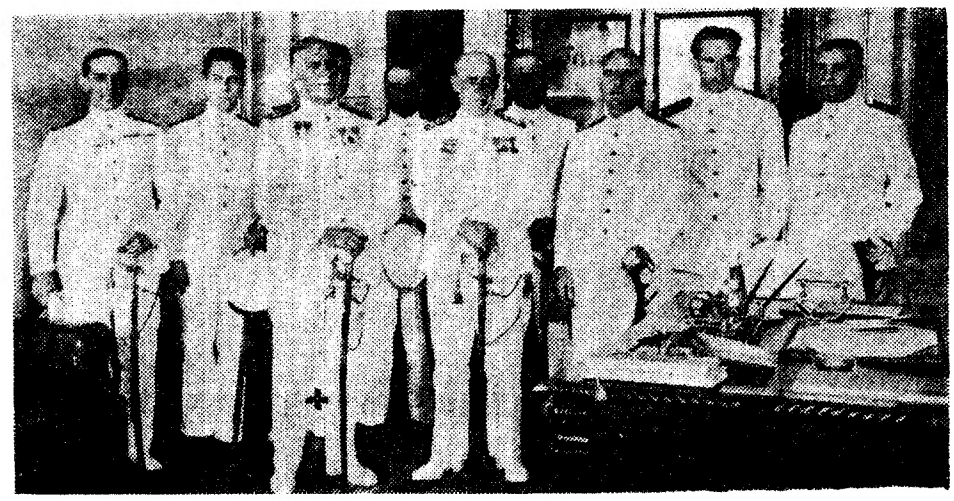
Dois marinheiros americanos, pegando numa grande corôa, postaram-se então diante do monumento enquanto a banda de musica americana executava a «Portuguesa». Finda a execução do hino nacional, o almirante Fairfield empunhou a corôa e subindo á base do monumento depô-la, permanecendo depois em continencia enquanto as bandas portuguesas executavam o hino americano. Todas as forças em parada apresentaram então armas e os ternos de clarins executaram a marcha de continencia.

Os representantes dos ministerios agradeceram então ao almirante Fairfield a homenagem prestada pela Armada americana, após o que os contingentes desfilaram em continencia.

Os srs. ministro da Marinha e major general da Armada almoçaram hoje a bordo do cruzador «Raleigh», a convite do almirante americano.

O novo chefe do Estado Maior Naval

tomou hoje posse no Ministerio da Marinha



O novo chefe do Estado Maior Naval (X) no acto da posse que hoje se realizou

O sr. contra-almirante Ramalho Ortigão assumiu hoje o alto cargo de chefe do Estado Maior Naval, funções que lhe foram entregues pelo contra-almirante sr. Mata e Oliveira, que as desempenhava cumulativamente com as de major general da Armada.

A' cerimonia, que se realizou no gabinete do chefe do Estado Maior Naval, assistiram todos os oficiais deste organismo tecnico da Armada.

O sr. almirante Mata e Oliveira, recordando que fôra dos primeiros oficiais a servir no Estado Maior quando ele se criou, disse que era, dos da primeira hora, o ultimo a deixar aquele organismo, o que lhe fazia nascer uma saudade grande. Era porém com prazer que entregava o cargo por saber que ia ficar em boas mãos, nas de um oficial distintissimo.

O sr. almirante Ramalho Ortigão agradeceu as saudações do seu antecessor, recordou com palavras de homenagem e de saudade a obra do almirante Oliveira Muzanty no desempenho daquelas funções e afirmou que, como seu substituto, procuraria ser seu continuador e, portanto, bem servir a Marinha e a Patria. Fez o elogio do corpo de oficiais do Estado Maior com cuja preciosa colaboração disse contar inteiramente, pelo que nem sequer a solicitava.

Como oficial mais antigo do Conselho do Estado Maior, o sr. capitão de mar e guerra Quintão Meireles cumprimentou em rapidas palavras os dois almirantes, os quais se apresentaram depois ao ministro da Marinha.

FORTEX
Para o esgotamento fisico

FRIGIDO

A marca de refrigeração electro-automatica para todos os fins comerciais e industriais preferida para as instalações de maior responsabilidade tecnica

foi a escolhida para o fornecimento das instalações frigorificas dos veleiros

"SANTA MARIA MANUELA"
da Empreza de Pesca de Viana
e
"CREOULA"
da Parceria Geral de Pescarias

admiravelmente construidos, num «récord» de tempo e de perfeição nos estaleiros do Porto de Lisboa pela
COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Só a poderosa organização e a sabia Direcção desta grande Companhia — orgulho dos portugueses — podiam conseguir em Portugal construir estes barcos em tão curto espaço de tempo.

Orgulhamo-nos de ter acompanhado o ritmo de trabalho desta Poderosa Companhia construindo tambem, em curto espaço,

AS INSTALAÇOES FRIGORIFICAS DOS DOIS MAGNIFICOS PESQUEIROS PORTUGUESES

Felicitamos, vivamente, as Empresas proprietarias dos navios, pela feliz iniciativa da construção dos referidos barcos

e á COMPANHIA UNIÃO FABRIL e seus ilustres engenheiros agradecemos as facilidades que se dignaram dispensar-nos, tornando possivel a vitoriosa execução do nosso trabalho.

CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, L.DA
SUCESSOR **CYPRIANO M. TEIXEIRA**
VIUVA E HERDEIROS

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 175 a 185 — **LISBOA**
Telefones: P. B. X. **46,146 — 46,147** — Telegramas: **Azulejos-Lisboa**

Moído fotado: c/ quilo

Comum	5$60
Suave	7$60
Superior	10$00
Mariazinha — Lote especial	12$00

Combinado *(só café)*

Lote especial n.º 14	14$00
» » » 15	15$00
» » » 16	16$00
» » » 18 Maria	18$00

A Mariazinha
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á Igreja de S. Domingos)

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º **Telef. 2 9709**
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

O Deputado
Alexandre Corrêa Telles de Araujo e Albuquerque
FALECEU

Dona Isabel Maria da Conceição Ribeiro de Almeida e Albuquerque, o Doutor Mario Corrêa Telles de Araujo e Albuquerque, sua esposa e Filhos e Trajano Ribeiro de Almeida, participam o falecimento de seu Marido, Pai, Sôgro, Avô e Cunhado e que o seu funeral terá logar amanhã, 9, pelas 11 horas, saindo o prestito da sua residencia na Rua D. Carlos Mascarenhas, 49, para o Cemiterio Ocidental desta cidade.

P. N. e A. M.

Agencia Quadros — Rua D. Diniz, 71
Telef. 4 6473

BOLSA DE LISBOA

8 de julho

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936	957$00	952$00	957$00
» 4 0/0 1934	982$00	981$00	983$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	—	—	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.022$00	1.021$00	1.023$00
» 4 3/4 1934	—	—	—
» 5 1/2 0/0 1933	1.067$00	1.060$00	1.067$00
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.730$00	1.730$00	1.732$00
» 3 0/0 2.ª »	—	—	—
» 3 0/0 3.ª »	1.735$00	1.730$00	1.739$00
Cautelas s/juro 3.ª Série	161$00	161$00	162$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	465$00	475$00
Espirito Santo port.	—	750$00	760$00
Lisboa & Açores, port.	370$00	369$00	370$00
Portugal, portador	—	—	—
C.as DE SEGUROS			
Confiança	—	—	850$00
Fidelidade	—	—	18.000$0
Mundial	216$00	215$50	217$00
Nacional	—	700$00	—
Nagres	—	1.180$00	1.240$00
Tagus	—	1.150$00	—
C.as DIVERSAS			
A. P. ordinaria	—	—	—
» » privilegiadas	—	—	75$00
Aguas de Lisboa, port.	—	260$00	285$00
» ass. 1934	146$00	140$00	146$00
» » ass. 1936	—	138$00	150$00
Credito Predial	—	17$00	18$50
Gaz e Electricidade	315$50	315$00	315$50
Portugal e Colonias	82$90	82$90	83$00
Navegação	—	97$50	99$00
Portuguesa de Pesca	250$00	245$00	252$00
» de Tabacos	395$50	395$00	396$00
Tabacos de Portugal	370$50	370$50	372$00
Tabaqueira	—	—	—
Uniao Electrica Portug.	—	169$00	170$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola	376$00	375$0	377$00
Cusi — 1.ª Emissão	—	48$50	50$00
» — 2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	396$00	395$00	398$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	262$00	261$50	264$00
Prediais 6 0/0 — 1932 1.ºS	—	—	91$00
» 7 0/0	103$50	103$50	104$00
União Elect. Port. 6 1/2 0/0	—	117$00	119$00
» » » 5 0/0	—	102$00	107$00
Cusi 9 0/0	111$50	110$00	111$50
» 6 1/2 0/0	—	119$50	120$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 — RUA S. JULIÃO, 69

A hora portuguesa da P. C. J.

A conhecida emissora P. C. J., designada pela estação de «Alegria e Bom Humor», realizou uma emissão especial para Angola, que fôra anunciada para as 19 e 45 GMT.

Justamente áquela hora o sr. Staartz, locutor de P. C. J., dirigiu em português algumas palavras de saudação aos portugueses de Angola e de enaltecimento a Portugal, á Madeira, aos Açôres e ao Imperio colonial português.

Em seguida foi retransmitido o hino nacional; depois as canções portuguesas e brasileiras «Zé Maria», «Eu quero Mamã», «Aldeia Pequenina», «Lá vai ela», etc.

Pelo sr. Staartz foi comunicado a todos os radiofilos portugueses que nas emissões das 19 e 45 GMT — que se realizam ás terças-feiras — será sempre incluída a hora portuguesa.

VIOLINISTA ISAAC FELDMAN

O notavel violinista brasileiro Isaac Feldman, que hoje embarcou para o Brasil, a-fim-de tomar parte na temporada de concertos oficiais, quis ter a amabilidade de dirigir, por nosso intermedio, uma saudação ao povo português e de agradecimento pelas provas de carinho de que foi alvo durante a sua estada entre nós.

Isaac Feldman diz-nos que leva para a sua patria as mais gratas recordações e que conta regressar em breve a Portugal.

Camisas
Ultimos Modelos
CAMISARIA PORTUENSE
166 — Rua do Arsenal — 168
Lisboa — Telefone 2 7873

CAMBIOS

CHEQUE — OBR	Comora	Vendas
Londres	110$00	110$20
Paris	$85,7	$85,9
Madrid	1$26,4	1$26,6
New-York	22$20,7	22$24,8
Zurich	5$07,9	5$08,8
Roma	1$16,8	1$17,0
Bruxelas	3$73,8	3$74,5
Amsterdam	12$20,8	12$23 0
Berlim	8$91 4	8$93,0
Praga	$77,3	$77,5
Rio de Janeiro	1$47,5	1$47,7
Libra ouro	—	—

Os serviços de lubrificação oferecidos a preço de concorrência não são em geral senão uma desilusão para o automobilista. Custam pouco mas têm fraca eficácia e uma duração efémera.

O serviço especializado Vacuum garante-vos maior segurança e economia.

Traga o seu carro à nossa Estação.

Estação de Serviço
"ESTRELA"
R. Borges Carneiro, 27 a 37

Joaquim Batista Gomes
Reparações de Automóveis e Garage
Telefone 27132 — LISBOA

White Horse
WHISKY
Velhissimo

ESTRANGEIRO

Vidros e Espelhos
VIDRAÇA
para OBRAS, MOBILIARIO e AUTOMOVEIS, etc.
montras, portas, janelas, etc.
Consultem
A MOLDURA NACIONAL, Ld.ª
L. Conde Barão, 46 — LISBOA

O MOMENTO INTERNACIONAL

A politica externa dos Estados Unidos

CHARLOTTESVILLE, (Virginia), 8—Summer Welles, novo sub-secretario do Estado definiu num extenso discurso, no Instituto dos Negocios Publicos da Universidade de Virginia, a politica externa dos Estados Unidos.

Comporta esse programa externo—disse em resumo—voltar a criar a atmosfera propicia aos tratados, isto é, ao respeito pela palavra dada, a restauração do comercio internacional graças ao abaixamento das barreiras «inumeraveis e artificiais» existentes; limitação e eventual redução dos armamentos; conferencias repetidas entre os representantes dos diferentes governos e relações livres inter-povos com trocas livres de opiniões e idéas.

Summer Welles referiu-se á questão espanhola dizendo que «observámos com simpatia os esforços para a criação da Comissão de Não-Intervenção». Mas «esses esforços frustraram-se e o mundo está á mercê dum incidente, duma faisca que ateie o fogo da guerra, a menos que as nações que simpatizem com esta ou aquela facção em conflito adiram estritamente á doutrina da não-intervenção». Depois disse que a «paz permanente (ensinamento da guerra) não pode assentar no espirito da desforra» e acrescentou estar convensido de que «os males de que sofre o mundo provêm apenas de injustiças e faltas de tacto cometidas após guerra».

Welles concluiu dizendo: «Não ha necessidade de exagerar, mas será perigoso mal avaliar a necessidade dos homens de estado da actualidade possuirem qualidades de coragem, de inteligencia e espirito de conciliação».—(Havas)

A visita de Neurath a Londres

LONDRES, 8—O «Daily Mail» e o «Daily Express» são de opinião que von Neurath receberá brevemente um novo convite para vir a Londres. Os meios governamentais britanicos lamentam que von Neurath tenha adiado a sua visita, prevista para o fim do mês passado. Os meios que gozam de grande influencia sobre o governo inglês desejam vivamente realizar uma aproximação com a Alemanha.—(D. N. B.)

GREVES NO ESTRANGEIRO

1 morto e 20 feridos numa desordem no Estado de Tenessee

ALCOA (Tenessee), 8—Entre 300 grevistas e uma força de Policia travou-se uma sangrenta desordem em que ficaram 20 pessoas feridas e 1 morta. A desordem teve origem na reabertura da fabrica da «Aluminum C.º of America», encerrada por motivo de greve ha 7 semanas. Para o local seguiram metralhadoras, um destacamento especialista em lançamento de bombas lacrimogeas e outras forças.

A batalha começou quando os grevistas rodearam um camião que ia entrar na fabrica com os não-grevistas. A policia interveio e os grevistas atacaram. Tendo desarmado um policia, com a pistola deste fizeram fogo. Os animos estão agora mais serenos e parece não ser necessario recorrer á proclamação da lei marcial, tanto mais que os grevistas prometeram não fazer qualquer coisa que possa provocar novas desordens.—(Havas)

Três execuções em Berlim

BERLIM, 8. — Esta manhã foram executados, nesta capital, Waldemar Schultz, Paul Zimmermann e Bruno Schretzer, condenados á morte, por assassinio e atentados contra a ordem publica. O caso vinha de longe, de 1931. Numa rixa num café em Neukoeln os réus haviam feito fogo contra uns milicianos nazis. — (Havas).

Ciclismo internacional

MILÃO, 8—O corredor ciclista Pecqueux bateu o «record» do mundo do quilometro lançado, que pertencia ao italiano Battestini, com o tempo 1 m. 4 s.—(Havas)

As eleições irlandesas

Declarações de Valera sôbre a marcha da politica

DUBLIN, 8. — De Valera, presidente do Conselho, concedeu uma entrevista aos representantes da Imprensa sôbre o resultado das eleições. Declarou que o seu partido retomará as redeas do governo e continuará a sua politica tradicional. O plebiscito sôbre a constituição é um sintoma da vontade de independencia da Irlanda. Dentro de seis meses o projecto da constituição entrará em vigor como lei fundamental e como base de todo o edificio do Estado.—(D. N. B.).

NO III REICH

Um semanario catolico proibido de circular na Alemanha

BERLIM, 8—Por ordem de Heinrich Himmler, chefe da policia, de acôrdo com o ministro da propaganda, o semanario catolico «Katholische Wochnblatt», que se publica em Chicago, foi proibido na Alemanha.—(Havas)

Desastre de aviação

Deu-se um choque entre aviões japoneses

TOQUIO, 8—Um avião de caça japonês e um avião de observação chocaram, incendiaram-se e despenharam-se no solo. Morreram dois aviadores. —(D. N. B.)

Prisão de 25 nazis

na capital austriaca

VIENA, 8—Foram presos 25 nazis, que se achavam reunidos clandestinamente num hotel desta cidade.—(H.)

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Foi criada uma comissão de «contrôle» de preços

PARIS, 8—A edição de ontem do «Diario Oficial» publica o decreto pelo qual é criada uma comissão de «contrôle» dos preços, na secção economica do ministerio das Finanças. Será presidida por um antigo prefeito da Policia e terá de vigiar pela aplicação imediata das medidas de «contrôle» dos preços.—(D. N. B.)

Encerramento do Parlamento

PARIS, 8—Vincent Auriol, ministro da Justiça, leu o decreto de encerramento da sessão ordinaria do Senado esta manhã ás 6 e 50. Ao mesmo tempo foi encerrada a sessão da Camara dos Deputados.—(Havas)

Reclamações dos empregados dos correios

PARIS, 8—Os delegados da associação dos empregados de correios pedem o salario minimo de 12 mil francos e a introdução da semana de quarenta horas, cuja aplicação seria conseguida se tanto fôsse necessario, por meio de greves.—(D. N. B.)

Moção de protesto da Aliança Democratica

PARIS, 8—Numa reunião do seu partido, presidida pelo antigo presidente do conselho Flandin, foi aprovada uma moção de protesto contra as desordens que se registaram devido a conflitos de operarios, a ocupações de fabricas e á propaganda revolucionaria entre os camponeses. Esta moção critica a ultima resolução de determinadas questões que impede a industria e o comercio de reagirem contra os aumentos de despesas.

Flandin, especialmente, contra o abuso que o governo fez dos decretos-leis e declara que o fracasso da frente popular impõe não só sacrificios novos á classe operaria mas torna tambem mais penosa a situação da classe media.—(D. N. B.)

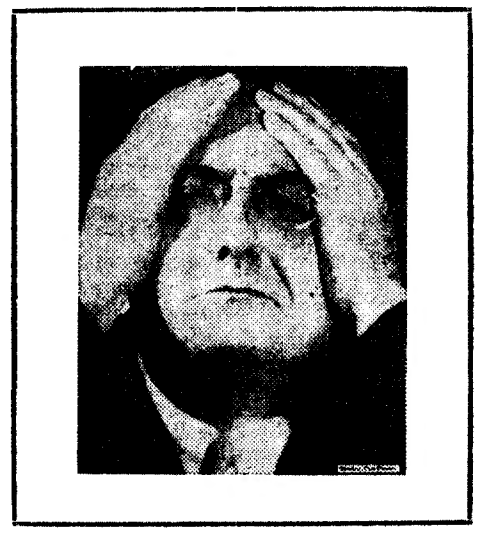
AGUA DE VALE DE CAVALOS
Pela quantidade de magnesio e sódio que contém, torna-se duma eficacia extraordinaria no bom funcionamento dos intestinos. Premiada com Medalha de Oiro. *Telefone 4 8627*

ELIMINE OS PELOS
COM
A LUVA DEPILATORIA
SENHARIGILO
Processo moderno
Eficácia absoluta
Fazem-se demonstrações
A' venda nas boas casas
DISTRIBUIDORES:
VIALIS, L.DA
R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.
LISBOA
Tel. 29434.

PORTO
BOCAGE
UM EXCELENTE TÓNICO
Distribuidores na provincia
Estab. Jeronimo Martins & Filhos
Lisboa

Raleigh, Thomnna, Chandler, Helios
a prestações mensais e iguais desde 55$00
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7027

Dôres de cabeça



digestões dificeis, acompanhadas de vomitos, e azia, bôca amarga, mau halito, prisão de ventre, dôres do lado direito, etc., são sintomas dum figado doente. Em todos estes casos, a **"ALCACHOFRA",** está indicada como um descongestionante e reeducador da glandula hépatica.

"CINARLAX", medicamento de origem vegetal preparado com os principios activos, contidos nas folhas da ALCACHOFRA, não tem contra-indicações, e é de efeitos seguros, porquanto:

Regula as principais funções do figado, exerce uma acção laxativa ou purgativa suave, sem irritar estômago ou intestinos; Elimina as toxinas do sangue, provenientes de estagnação fecal; Não causa acostumancia, e acaba definitivamente com a prisão de ventre tão aborrecida e de consequencias tão desagradaveis.

A' VENDA NAS FARMACIAS

A sua qualidade nunca sofre alteração — eis porque fumo
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta
CARRERAS LTD. LONDRES
150 ANOS DE REPUTAÇÃO, PELA SUA MAGNIFICA QUALIDADE

Dr. Alvaro Campos
Clinica medica, diatermia, ondas curtas e extra-curtas (fisioterapia) raios infra-vermelhos, raios ultra-violetas e ar quente.
Consultorio e residencia:
R. das Picôas, 74, 2.º, Dt.º — Telef. 4 4741

MAURICIO
MOBILIARIO E DECORAÇÕES
Distinção e Gôsto
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Na sua ultima nota dirigida ás potencias

o general Franco formula acusações á Inglaterra e á França

SALAMANCA, 8.—A nota enviada pelo generalissimo Franco tem o seguinte texto:

«Os sacrificios que a Espanha nacionalista está realizando em defesa da civilização ocidental para libertar o territorio espanhol do comunismo e em prol da sua unidade e ressurgimento, com grandiosa epopeia de herois e martires, permitem-lhe exigir o respeito de todos, assim como falar duma maneira clara ao mundo, especialmente ás nações que, como a França e a Inglaterra, têm intervindo, pela acção ou omissão, em favor de quem aspira á bolchevização e destruição da Espanha. Temos invocado poderosas e irredutiveis razões reclamando o reconhecimento da beligerancia de harmonia com as normas do direito internacional. Temos esperado serenamente que a justiça e a razão triunfem das intrigas dos poderes ocultos, mas vemos como se desvirtua a justiça da nossa causa assim como se procura encobrir o espirito criminoso que preside aos actos do governo e de toda a vida da Espanha «vermelha». Nenhum dos países que nos prestam o seu auxilio moral têm em vista vantagens territoriais á nossa custa, nem a alteração do «statu quo» mediterranico, como repetida e solenemente o temos declarado, o que de resto não se compadece com a essencia fundamental do nosso movimento. Se nações ha que, olvidando as suas conveniencias futuras, teimam em não dar seguimento aos pedidos da Espanha nacionalista e respondem ás provas de concordia e amizade com injustiça e desafecto, não devem amanhã surpreender-se que a nossa politica internacional e economica feche as suas portas a quem, em vez de provas de amizade, nos testemunhou inimizade». — (Havas)

A nota do general Franco apreciada pelos jornais franceses

PARIS, 8.—Os jornais comentam a nota dirigida a Londres e Paris pelo general Franco, com respeito ao reconhecimento do direito de beligerancia.

No «Echo de Paris», Pertinax escreve: «Eventualmente parece que franceses e ingleses aceitarão a seguinte plataforma: o general Franco receberia a qualidade de beligerante, desde que se não servisse dela para estabelecer o bloqueio no alto-mar, mas tal concessão só lhe seria feita depois da retirada dos voluntarios. Poderia ela ser-lhe dada condicionalmente? Não é provavel».

O «Populaire» diz: «Franco tenta ganhar terreno com promessas, mas fa-lo de acôrdo com Berlim e Roma. A pressão de Franco sobre Londres é um prolongamento da politica italo-alemã. Salamanca, Berlim e Roma desejariam separar Londres de Paris e chegar a uma plataforma que lhes assegurasse todas as vantagens de que os três governos têm necessidade para uma vitoria comum».

O «Excelsior» escreve: «Esta habil manobra de Franco desconcerta Londres e inquieta Paris. A oferta da retirada dos voluntarios, se lhe fôr reconhecido o direito de beligerancia, é bastante capciosa. Do reconhecimento retiraria o beneficio imediato do bloqueio das costas do seu adversario, continuando a utilizar contingentes estrangeiros».

O «Petit Parisien» diz: «A nota de Franco diz que as potencias amigas de Salamanca não procuram conquistar posições em Espanha ou no Mediterraneo, o que de resto não seria aceito pelos nacionalistas. Esta passagem deixa perceber as importantes razões que levaram, finalmente, o general Franco a proclamar um apoio do lado da Gran Bretanha e confirma, por outro lado, que o Reich e sobretudo a Italia, se tiveram pretensões relativamente á Espanha e ás Baleares, têm agora que afirmar e fazer proclamar que tais pretensões nunca existiriam, garantia que deve ser registada com satisfação».—(Havas).

A sessão de amanhã em Londres

LONDRES, 8—Os circulos politicos que tocam de perto ao governo mostram o desejo de que von Neurath encontre, proximamente, oportunidade de fazer a sua anunciada viagem a Londres, que se viu obrigado a adiar em consequencia das complicações criadas pelo incidente do «Leipzig». Interpreta-se este sentimento como indicio de que nada ha a esperar de espectacular da reunião de amanhã da Comissão de Não-Intervenção. Continua, portanto, a presumir-se que depois de ouvidas as declarações de todos os delegados a Comissão encarregará a sub-comissão de continuar o estudo da questão.—(Havas)

As complicações da fiscalização

LONDRES, 8.—Informam de Valencia que José Giral, ministro dos Negocios Estrangeiros, declarou aos representantes da Imprensa que a Espanha governamental não permitirá nunca que fiscais alemães e italianos sejam instalados nos portos espanhois com o fim de substituir o «contrôle» naval.—(D. N. B.).

Foi substituido o embaixador italiano em Burgos

ROMA, 8—O conde de Vinla de Campalto, novo embaixador de Italia junto de Burgos, partiu ás 11 para Paris, donde seguirá para o seu posto. Campalto era chefe do protocolo do Ministerio dos Estrangeiros.—(Havas)

A marcha das operações

SALAMANCA, —Na frente da Biscaia o inimigo, apoiado por alguns novos batalhões, tentou atingir as alturas de Castro Alen, mas sofreu um grande desastre. As forças nacionalistas esperaram a investida dos «vermelhos» e quando estes se aproximaram, cairam-lhes em cima com a maior energia. Os «vermelhos» retiraram logo desordenadamente, deixando no campo muito material e sofrendo muitas baixas.

Na frente de Madrid o inimigo desencadeou um ataque contra Villa Franca del Castillo, mas foi repelido. No bairro madrileno de Usera, o inimigo executou de novo um ataque apoiado por numerosos «tanks» bolchevistas russos. Foi repelido com grandes perdas.

Durante o dia de ontem foram abatidos seis aviões bolchevistas.—(D. N. B.)

Informações de Madrid

MADRID, 8—Comunicado do ministerio da Defesa Nacional:

Actividade da aviação republicana no dia 7: das 6 ás 7 e 40 efectuaram-se reconhecimentos nas provincias de Madrid, Toledo, Segovia e Avila. Na estrada de Villa Castin a El Espinar foram destruidos 10 camiões. Illescas foi bombardeada. A's 7 e 10 bimotores bombardearam Navalcarnero. Os aviões regressaram á base, sem que os aviões inimigos os apanhassem. A's 7 e 15 uma esquadrilha bombardeou Majadahonda. A's 7 e 20 outra esquadrilha bombardeou Retamares. A's 7 e 35 Sevilla la Nueva foi bombardeada. A's 12 e 05 Quijona foi bombardeada. A's 15 e 45 efectuaram-se reconhecimentos em Toledo, Talavera, Escalena, Navalcarnero, Illescas, Ciempozuelos e Madrid. Em Ciempozuelos foram bombardeados 12 camiões. A's 17 e 55 Quijorna foi novamente bombardeada. A's 18 e 15 as baterias nacionalistas ao Norte de Navalagamella foram bombardeadas assim como as trincheiras proximo da aldeia. A's 20 horas efectuaram-se reconhecimentos ás estradas de Guadalajara, Carabanchel Alto e Getafe. A's 20 e 30 dez bi-motores atacaram um aerodromo inimigo ao Norte de Avila, causando grandes estragos no aerodromo, na estação e no parque.—(Havas)

MADRID, 8. — Comunicado do ministerio da Defesa Nacional, ás 23 horas:

Andaluzia, frente do Pozoblanco, as tropas republicanas ocuparam diversas posições, fechando ao inimigo a direcção para o pantano de Guadalmadito, no sector de Alcalá la Real. Foram feitos prisioneiros um tenente, um sargento e vinte e cinco soldados e tomaram-se um canhão anti-tank, quatro metralhadoras, duas espingardas-metralhadoras e cinquenta espingardas.

Na Biscaia, o inimigo faz pressão sôbre esta divisão, tendo conseguido ocupar as alturas, onde se encontram as minas de Alen Malia.

Nas Baleares, cêrca das 5 horas, uma esquadrilha inimiga atacou o porto e cidade de Mahon, tendo sido posta em fuga pelas baterias; um dos aviões foi abatido.

Ao sul do Tejo, as tropas republicanas ocuparam Sierra de Suarez e a aldeia de Rena. As nossas forças lançaram-se ao assalto da Sierra de Rena. No sector de Modellin ocupámos Batanejos e a cota 327 a Nordeste da cidade.

No Centro, os insurrectos concentraram sôbre Madrid fôrças consideraveis e aviões, mas sem resultado, devido á ecragem dos nossos aviadores. As tropas leais, que na terça-feira ocuparam Brunete, contra-atacaram hoje, sem ceder terreno, ao inimigo. Pelo contrario, atravessaram o Guadarrama. Ocupámos, além disso, novas posições entre Sesena e Cuesta de la Reina. Mantemos, pois, as posições conquistadas na terça-feira e outras novas e melhores.—(Havas).

A libertação dos primeiros nacionalistas que estavam em Bilbao

BAIONA, 8. — Chegaram a esta cidade diversos funcionarios das prisões de Bilbao. Interrogados acêrca das afirmações nacionalistas de que «a direcção das prisões tomara a iniciativa de libertar os prisioneiros e refens por ocasião da queda de Bilbao», declararam:

«Tal iniciativa não foi pessoal. O conselho de ministros, por proposta de Aguirre, deliberou libertar mil prisioneiros, com excepção dos culpados de alta traição ou crime. No dia 18 de junho e na propria noite, ás 23 horas, um

O dr. Armindo Monteiro, seguido de von Ribbentrop, á saida do Foreign Office, depois duma importante reunião do «Comité» de não-intervenção em Espanha

cortejo de libertados dirigiu-se para as linhas dos nacionalistas, prevenidos, assim como os batalhões vascos, das libertações, a fim de evitar quaisquer represalias. Durante a noite os libertados passaram de Larrinaga por Santo Domingo e Archanda, descendo para Derio, onde chegaram ás 4 horas, sem perigo.

Entre os libertados havia 50 mulheres, 3 italianos e o aviador alemão Walter Joachim, caído em Larabiesa e condenado á morte pelo tribunal popular de Bilbao.

Alguns prisioneiros detidos na Biscaia puderam atravessar as linhas por Valmaseda».

Os referidos funcionarios concluiram afirmando que os refens de Bilbao devem a sua libertação á generosidade do governo vasco, pois nada impedia a sua transferencia para as prisões de Santander.—(Havas).

Chegaram a Brest 18 evadidos da Corunha

BREST, 8.—Quatro traineiras espanholas chegaram a este porto com 18 habitantes da Corunha, os quais, condenados á morte ou detidos como suspeitos nas prisões nacionalistas, conseguiram evadir-se. Foram proibidos de desembracar e aguardam-se instruções com respeito aos navios.—(Havas).

Uma conferencia de Veva de Lima

Hoje, ás 22 horas, pronunciará, em francês, ao microfone da Radio Nacional de Salamanca, uma conferencia sobre um tema da mais palpitante actualidade, a ilustre escritora sr.ª D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, esposa do professor dr. Ruy Ulrich.

Considera-se perdida

a aviadora Amelia Earhardt

NOVA YORK, 8—Parece que se perderam completamente as esperanças de encontrar a aviadora Amelia Earhardt. Todos os esforços desenvolvidos nesse sentido resultaram vãos. Até agora ainda se não recebeu nenhuma comunicação definitiva da esquadra de socorro.—(D. N. B.)

RETIRO DA SEVERA
Rua Antonio Maria Cardoso n.º 1 — Telefone 2 5979
HOJE—A'S 21 HORAS — NOITE DA MODA
Zulmira Miranda, Maria Emilia Ferreira, Arminda Vidal, Alberto Costa e Augusto Pereira
——— Sabado — Ercilia Costa ———

RETIRO DA SEVERA
Rua Antonio Maria Cardoso n.º 1 — Telefone 2 5979
Amanhã—Sexta-feira, 9—Amanhã—Grandiosa festa de homenagem aos Artistas privativos deste Retiro.—6 cantadores—6 cantadeiras
Tomam obsequiosamente parte nesta festa as distintas actrizes: ADELINA FERNANDES, ZULMIRA MIRANDA, ARMINDA MARTINS, HERMINIA SILVA, a cantadeira MARIA DO CARMO, o actor VASCO SANTANA, o artista imitador DANIEL MARTINS, e outros elementos do fado e do teatro.
Grande parada de fadistas! Grande noite de fado. Entrada por mesa reservada

Almoços, Jantares e Banquetes
O melhor serviço e preços, assinaturas especiais
Restaurante Regina
R. Serpa Pinto, 12 (Chiado)

HALCÁ
Marca portuguesa de carpetes, tapetes e passadeiras de luxo.

Hotel da Granja
Abriu
Com todo o conforto moderno.
Preços especiais. — Pedidos a
FERNANDO GALO — GRANJA

HOTEL DA ROCHA
Praia da Rocha
Conforto e bem-estar
Recomendado pelo Automovel Clube de Portugal
Propaganda de Portugal

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

TEMAS ECONOMICOS

Comercio com a Polonia

A França é sempre modelo, para nós, no que respeita á politica economica internacional, adoptada para os seus vinhos. E tanto relativamente á defesa das marcas como a favores aduaneiros.

No acôrdo comercial que acaba de concluir com a Polonia e cujas novas directivas e linhas recomendo ao apreço de quem dirige a nossa politica comercial, obteve ela reduções aduaneiras importantes para os seus vinhos e champanhes, cujos contingentes de importação foram tambem ampliados.

Esse duplo beneficio á exportação de vinhos franceses pode e deve servir-nos de exemplo e de estimulo para melhorarmos a posição dos vinhos portugueses no nosso balanço comercial com a Polonia, e esse proprio balanço, em geral.

Vivemos com a Polonia em regime de relações convencionais desde 1929, embora só em 1931 fôsse ratificado o acôrdo comercial que as regula.

Desde 1931 os nossos negocios com a Polonia evoluiram como segue:

Anos	Importação (contos)	Exportação
1931.....	5.157	1.318
1932.....	5.410	1.622
1933.....	5.560	2.666
1934.....	8.955	3.126
1935.....	10.626	5.271
1936.....	23.170	4.091

Compramos cada vez mais á Polonia e no ano passado mais do dobro do que lhe haviamos comprado em 1935. A progressão das nossas exportações para a Polonia que, embora mais lenta, se acentuára até 1935, passou em 1936 a degressão.

No primeiro trimestre do ano corrente, comprámos á Polonia 3.258 contos e vendemos-lhe 1.267 em relação a 5.710 e 709 contos que lhe haviamos respectivamente comprado e vendido, em igual periodo de 1936.

Parece, pois, que o nosso comercio com a Polonia volta ao ritmo em que ia em 1935 e de que, em 1936, excepcionalmente saiu.

Mas mesmo esse ritmo não nos é favoravel. Temos com a Polonia um balanço de comercio desfavoravel que precisamos de melhorar.

Uma das causas dessa situação é, sem duvida, o pesado direito aduaneiro que pagam os vinhos do Porto á entrada na Polonia e que vai a 100 libras por pipa.

Notei, em 1931, essa tributação verdadeiramente absurda e contra ela protestei. Ninguem fez caso. A evolução do consumo de vinho do Porto, na Polonia, demonstra que tinha razão. Enquanto aumenta, lá, o consumo de materias primas portuguesas e de outras substancias alimenticias nossas, a exportação de vinhos do Porto para o mercado polaco é representada pelos seguintes e insignificantes numeros:

Anos	Hls.
1931.....	69
1932.....	10
1933.....	8
1934.....	20
1935.....	16

Não é melhor a posição dos outros vinhos portugueses no mercado polaco.

Está isto certo? Creio bem que não.

Com o acôrdo de 1929 tem sobretudo beneficiado a Polonia. Ha que proceder, pois, e sem demora á sua revisão, para se melhorar a posição de Portugal.

Dá-nos, para isso, um excelente ensejo o novo acôrdo comercial franco-polaco e os favores nele conquistados para os vinhos franceses.

Bem sei que entre a França e a Polonia ha relações politicas especiais que justificam as especiais e amplas concessões economicas e de outra ordem, reciprocamente feitas. Mas dentro do quadro das relações comerciais da Polonia, não se dirá que lhe não valha a pena consolidar e desenvolver a sua posição em um mercado que, como o nosso, tão prometedor se mostra para as suas exportações.

E o nosso interesse, esse impõe que compremos a quem nos compre e que concedamos favores só a quem os conceda aos nossos produtos.

Não está nesse caso a Polonia, como outros países e de muito maior importancia, no quadro das nossas relações comerciais.

Importa tê-lo em atenção.

NUNO SIMÕES

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

LITERATURA FEMININA

Sonho profetico

Era muito nova, muito pequena talvez, quando tive esse sonho que me perseguiu pela vida fora.

Lembro-me com perfeita nitidez que, uma noite, despertei a tremer de medo, por causa dum simples sonho; tão simples que constava unicamente duma escada e dum patamar, onde me cruzára com uma majestosa senhora que levava um vestido côr de rosa e uma grande borboleta de tule branco nos cabelos empoados. Ao roçar-me de leve, a aparição olhou para mim de alto a baixo e acordei em sobresalto.

A Dama Côr de Rosa gravou-se de tal forma no meu espirito que nunca mais subi uma escada ás escuras, sem que o medo se apoderasse de mim por me lembrar que ela podia aparecer-me outra vez

Por ultimo, quando pensei na Dama Côr de Rosa, experimentei um dos maiores pavores da minha vida.

Estava então na Alemanha por alguns mezes. Uma noite quando voltava para casa, depois de ter ouvido uma opera de Wagner, a luz apagou-se bruscamente na ocasião em que poisava o pé no primeiro degrau da escada. Vivia num quarto andar. Horrorisada ao lembrar-me da Dama Côr de Rosa, trepei a escada como uma doida, arriscando-me a partir a cabeça na escuridão.

A sensação tetrica que se apoderou do meu ser foi tão perduravel que, ao regressar a Paris, falei logo nisso a pessoas da minha amizade, declarando que morreria de medo se jamais chegasse a ver aquela mulher em carne e osso.

Para me confortar, uma creoula de Guadelupe que assistia á conversa, exclamou:

—Ora! Uma Dama Côr de Rosa não podia trazer-lhe senão felicidade

Naquela altura, tinha a certeza de que o meu Destino já não me obrigaria a deixar Paris, afora o tempo das ferias no entanto, alguns mezes mais tarde, uma fidalga portuguesa, que desconhecia por completo, conseguiu quasi á força que eu voltasse para Portugal, onde já tinha estado quatro anos.

Quando me encontrei com essa Senhora, que vou tratar por Senhora X, pois não lhe preguntei se me autorizaria a revelar o seu nome, não pude deixar de lhe dizer:

—Parece-me que já vi v. ex.ª, mas não me lembro onde.

—Na Suissa, talvez—respondeu-me.

Durante uma semana dei voltas á imaginação para descobrir em que sitio me encontrára com a Senhora X, a qual se prestou muito amavelmente ás minha investigações. Por mais que procurassemos, chegámos a uma unica conclusão: era materialmente impossivel termo-nos visto antes.

Uma noite, não conseguindo dormir por causa do misterio que queria desvendar, lembrei-me repentinamente de diversos retratos antigos e modernos que admirára em varios museus e tentei recordar-me se alguns deles podia oferecer semelhança com a Senhora X. Nisto tive a sensação de que um veu se lvantava diante dos meus olhos e... vi a Dama Côr de Rosa!

Fiquei toda alagada num suor frio e com os dentes a bater.

—Meus Deus! o que ha de ser de mim!—pensei dolorosamente constrangida.

O raciocinio acabou por acalmar-me, pois já conhecia suficientemente a Senhora X para saber que era incapaz da menor maldade.

No dia seguinte, pela volta das onze horas, pedi para lhe falar. Conforme o costume, levava um vestido de luto aliviado que condizia lindamente com os seus belos cabelos grizalhos. Depois de lhe contar donde a conhecia, sem confessar-lhe, é claro, os sustos que apanhara, acrescentei:

—No meu sonho andava vestida de côr de rosa e os seus cabelos estavam empoados.

Em vez de me responder, a Senhora X dirigiu a palavra a uma cunhada que se encontrava, por acaso, de visita:

—Lembraste da côr que preferia antes de enviuvar?

—Vestias sempre de côr de rosa.

—E o meu penteado?

—Tinhas a mania de empoar o cabelo.

Fiquei horrorizada, tanto mais que a Senhora X levava, quando saia de noite em Sintra, tal qual a senhora do meu sonho, uma especie de borboleta de tule branco

Passaram muitos anos sobre estes acontecimentos. Em vez de me prejudicar, a Senhora X convida-me ás vezes a tomar uma chavena de chá que ela propria me serve com as suas lindas mãos de fada. Gosto de a ver toda seculo XVIII, no meio das suas rendas, joias e flôres. E como é expressamente proibido falar mal dos outros na sua presença, a gente esquece-se que vive nesta pobre terra, numa das epocas mais tragicas da Historia, e julgamo-nos num daqueles planetas iluminados por sois de varias côres.

No entanto, a Senhora X não foi unicamente a Dama do meu sonho, tambem foi a do meu Destino! Desalojou-me de Paris para me instalar em Portugal. Hão de dizer-me que não é nenhuma desgraça; quem sabe?!

Em Paris possuia afeições sinceras, profundas e desempenhava funções importantes que me davam grandes alegrias espirituais; mas é provavel que ao cair sobre mim a tampa do sepulcro caisse sobre uma desconhecida.

Em Portugal, esperavam por mim muitos dissabores, um nunca acabar de lutas e... a gloria do Teixeira de Pascoais e do Raul Brandão a salpicar o meu nome e a mudar o rumo que por gosto déra á minha vida.

Desgraçadamente para uma «verdadeira» mulher, «a gloria não é outra coisa do que o luto deslumbrante da felicidade».

SUZANNE JEUSSE.

DONO DA PROPRIEDADE ALHEIA

OLHÃO, 7. — Pela P. S. P. desta vila foi hoje enviado a juizo o trabalhador Manuel Piedade de Sousa, de 26 anos, acusado de se ter apoderado duma propriedade no sitio de Marim, pertencente aos herdeiros do dr. João Lucio, donde furtou uma importante quantidade de amendoas e outros frutos, recusando-se a obedecer á intimação de saida da força publica.

AGRESSÃO Á FACADA

FARO, 7. — Pelas 21 horas de hoje, o maritimo José da Silva Bailão, de 45 anos, residente nesta cidade, agrediu com uma facada na face esquerda o taberneiro Francisco Valoroso, de 60 anos, morador no largo do Pé da Cruz, que recebeu curativo no hospital desta cidade.

IMPRENSA REGIONALISTA

Conforme já foi anunciado, o Congresso da Imprensa Regionalista, realiza-se de 22 a 28 do corrente, em Sintra, Mafra, Cascais e Estoril. As companhias de Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.), Estoril e Beira Alta concedem aos congressistas a redução de 50 por cento nas passagens. A validade dos bilhetes na C. P. é: ida dos dias 18 a 25; volta, dos dias 25 a 31. Da Beira Alta: ida de 20 a 24; volta, de 24 a 28. A inscrição no Congresso é de 50$00 dando direito aos transportes automoveis das excursões incluidas no programa. A comissão executiva continua recebendo inscrições e importantes teses. Os congressistas podem fazer-se acompanhar de pessoas de familia, pagando a respectiva inscrição.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Ana de Sousa Coutinho (Linhares), D. Beatriz de Meneses Moreira Ressano Garcia, D. Maria Izabel Salema de Avilez, D. Maria de Macedo Santos Belo e D. Maria Margarida Pinto de Mesquita de Carvalho Guimarães.

A CARIDADE

Nas Laranjeiras

Foi recebida com verdadeiro interesse no nosso meio elegante, a noticia que ontem demos de que nas noites de sabado e domingo, se realizará no Parque das Laranjeiras, a Sete Rios, uma interessante «Verbena» de Caridade», cujo produto se destina a favor da Cruz Vermelha Espanhola, e é levada a efeito por uma comissão de gentis senhoras da colonia espanhola e da sua primeira sociedade.

CASAMENTOS

Presidido pelo reverendo prio. da freguesia Monsenhor dr. Lirio que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se hoje na paroquial de S. José, ao largo da Anunciada, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Franco Marinho da Cruz, gentil filha da sr.ª D. Guilhermina Franco Marinho da Cruz e do nosso querido amigo sr. Alfredo Marinho da Cruz, com o tambem nosso amigo sr. Joaquim Canas Cardim, filho da sr.ª D. Felizmina Canas Cardim e do nosso prezado amigo e presidente da Sociedade Estoril Plage, sr. Guilherme Cardim, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a tia do noivo sr.ª D. Tomazia Canas Ereira e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo o nosso querido amigo sr. Joaquim Ereira. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimonia durante a qual foram executados no orgão varios trechos de musica sacra, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, á avenida da Liberdade, um finissimo lanche, seguindo os noivos a quem foi oferecido grande numero de artisticas e valiosas prendas para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

CASA DE REPOUSO DA ABRUNHOSA

Chegaram á Casa de Repouso da Abrunhosa (Beira Alta), as sr.as D. Maria da Gloria Branca de Abreu e sua filha D. Maria Frederica Branca Porverela de Abreu; D. Adelaide Mendes de Carvalho, marido sr. José Vicente de Carvalho e filha D. Mira; D. Vera Nobre da Costa e D. Edelmira Maria Vieira Castro.

DOENTES

Foi operada com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Fernanda Marques dos Santos.

Charcuterie Française

GALANTINES—especialidades diarias desta casa. Rua do Carmo, 23-25—Telefone 2 7683.

Biscoito Parisiense

Experimente V. Ex.ª esta recente novidade pedindo-a na sua mercearia.

"LEGIÃO PORTUGUESA"

Brigada Naval

Realiza-se no proximo dia 14, ás 21,30, um grandioso espectaculo, organizado pela ORQUESTRA ALDRABÓFONA, a favor do fundo de «Assistencia Social da Brigada Naval da Legião Portuguesa», cujo programa é o seguinte:

1.º PARTE

Representação da opera, em 3 actos, «Aventuras Aerodinamicas de D. Flora», (parodia á conhecida opera «Tosca»), cantada e representada por aldrabófonos, vestidos a rigor e acompanhados por uma grande orquestra de profissionais.

2.º PARTE

Um acto de concerto e variedades pela Orquestra Aldrabófona, na sua maxima fôrça.

Os bilhetes para este formidavel espectaculo encontram-se desde já á venda na Secretaria da Brigada Naval, Rua D. Pedro V, 80.

TAUROMAQUIA

Na Povoa do Varzim

A epoca tauromaquica na Povoa do Varzim será inaugurada no domingo, 18, com touros de Infante da Camara, que serão lidados pelos triunfantes cavaleiros Simão da Veiga e José Casimiro, pelo famoso «espada» mexicano e grande bandarilheiro Luiz Castro «El Soldado», e ainda por Alejandro Saez «Ale», Alfredo dos Santos, Francisco Gonçalves, Plá Flores e Joaquim Moça.

PRIMAX SOCIEDADE

S. A. R. L.

Assembleia Geral Extraordinaria

Pelo presente é convocada a Assembléa Geral extraordinaria desta Sociedade para reunir no dia 22 do corrente, pelas 14 horas, na R. dos Sapateiros, 15, 1.º, D.to, com a seguinte ordem do dia:

1) dissolução, liquidação e partilha da Sociedade.

2) nomeação de liquidatarios.

Lisboa, 7 de Julho de 1937.

O Presidente da Assembléa Geral,
(a) **João de Azevedo Borges**

POR 5$00

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas,** joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias. prazo de pagamento 30 semanas,** podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação **somente por 5$00. F. de Sousa Torroais,** Rua de S. Paulo, 166. Telef. 26508.

Espanha Nacionalista e Portugal

Não deixem de consultar os preços de viagens em automoveis a Espanha e excursões em Portugal. Preços reduzidos.

GARAGE ALVAREZ—*Tel. 126*—ESTORIL

PEÇAS EM FERRO FUNDIDO

REFRACTARIO para resistir à acção do fogo — Grelhas para caldeiras terrestres ou maritimas, grelhas para queima de carvões nacionais — Peças para fornos, muflas, etc.

Peças em ferro fundido altamente refractario «Patente Guronit», resistindo a 100° C.

Peças em ferro fundido para as Industrias quimicas: resistentes a acidos e bases, concentrados ou diluidos a quente ou frio. Ferros fundidos inoxidaveis

Peças em ferro fundido para a Industria do vidro
Bronze manganés — Bronze silencioso — Metal monel

Laboratorios para analises de metais: Analises, quimica, dilatometrica, mecanica e metalografica

Peças fornecidas com garantia de rendimento
Referencias dos principais industriais do Pais

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

ENGENHEIROS CONSTRUTORES

Rua da Academia de Ciencias, 19 — LISBOA

Telegramas — **FREDALVES** — Telefone **2 3406 P.A.B.X.**

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

FEIRA DE LEIPZIG. OUTONO 1937.

de 29 de Agosto até 2 de Setembro.

60 o/o de redução nos Caminhos de Ferro Alemães.

Todas as informações da:

LEIPZIGER MESSAMT. LEIPZIG. ALLEMANHA.
ou o Representante Honorario:
A. SCHMIDT. LISBOA. Praça dos Restauradores, 13.
Adr. Telegr.: "GOMA„

Como a Ciência põe agora fim aos MALES DE PÉS

Comece hoje esta extraordinária experiência de 3 dias a expensas nossas.

Os principais elementos que se encontram nas termas mais famosas estão actualmente reünidos sob o nome de Saltratos Rodel. Dissolva uma mancheia dêstes sais em água quente. Mergulhando os seus pés nesta água medicinal, a dôr foge quási por milagre. Os calos deixam de doer, amolecem e podem fàcilmente ser extraídos. Acaba-se a comichão, bem como o ardôr nos pés. Peça hoje Saltratos Rodel numa farmácia ou drogaria e trate definitiva e ràpidamente os seus piores males de pés. Se não ficar satisfeito, devolver-lhe-emos sem discussão o dinheiro.

Fabricado no Laboratório Franco-Português. 67, Rua Dr. Alvaro de Castro — Vendas por grôsso: Jules Deligant Ltd.ª, Rua da Assunção, 88 — LISBOA.

Se deseja ter uma tez mate, aveludada, adopte os produtos MATITÉ — creme, «rouges» e pó. A sua aderência é perfeita e o seu lindo rosto terá um brilho e uma frescura mais juvenis, se utilizar exclusivamente os produtos de beleza

L.T. PIVER

Rua Saraiva de Carvalho, 207-B
LISBOA

À venda em tôdas as casas da especialidade

PRODUTOS DE BELEZA Mme CAMPOS

PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA

Laboriosas experiencias deram a este produto a finura e pureza, o aroma e as beneficas qualidades que tornaram esta PASTA o preparado indispensavel para as pessoas de pele sensivel, seca e delicada.

Substituindo o melhor sabonete, a sua espuma finissima preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Refresca branqueia e assetina, dando á epiderme uma transparencia e um aveludado que a fez impôr-se na serie dos produtos RAINHA DA HUNGRIA como um dos seus melhores preparados.

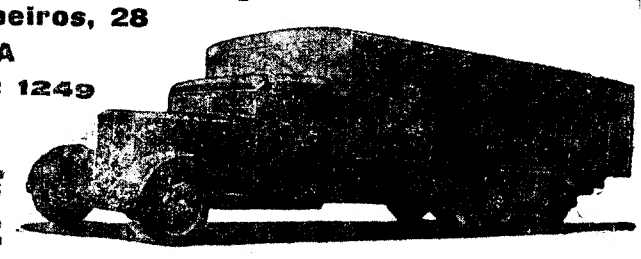
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
Lisboa, Av. da Liberdade, 35 — Telef. 21866
A' venda nas boas casas

Empreza de Transportes BRAGA

Rua dos Correeiros, 28
LISBOA
Telefone 2 1249

Camions, Camionetes e Carroças

Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o país



Serviço especial de Mudanças

MAPLES

em todos os estilos

Carpetes
Oleados
Papeis Pintados

VENDAS PARA A PROVINCIA

Vendas a prestações

Telefone 2 3413

Armazem de Moveis do Calhariz

Paixão Carvalho, L.da
Largo do Calhariz, 27

A EPOPEIA DOS BANDEIRANTES

Na inauguração do monumento a Camões em Ribeirão Preto

o dr. Ricardo Severo pronunciou um notavel discurso de exaltação patriotica

Noticiámos a brilhante inauguração, em Ribeirão Preto — uma das mais belas e progressivas cidades do Estado de S. Paulo — de um magnifico monumento a Camões, obra do ilustre escultor, Del Debbio, conseguido por subscrição entre a colonia portuguesa, que o ofereceu á cidade.

Nessa cerimonia fez o dr. Ricardo Severo, insigne figura de português que chefia, intelectual e sentimentalmente, de modo incontestado, a nossa colonia no Brasil, um notavel discurso, que uma grande multidão de muitos milhares de brasileiros e portugueses escutou e aplaudiu com entusiasmo, entrecortando-o de aclamações ao Brasil e a Portugal.

E' a sua nova e eloquente oração que a seguir publicamos:

«A cumprir o honroso convite para esta solenidade inaugural — de amigos e patricios da Comissão Portuguesa Pró-Monumento a Camões em Ribeirão Preto — fala-vos um modesto e velho português.

Bastará este ultimo qualificativo, sem apresentação, sem nome. A inscrição de oferenda, no supedaneo deste novo monumento diz singelamente «os portugueses a Ribeirão Preto». Tambem não designa nomes; a posteridade não tem que saber quais as personalidades a cujo esfôrço generoso e patriotico se deve este monumento. Dadiva de portugueses, tão sómente; nem se diz se de algum se de muitos... é de todos. Este espirito de altruismo, de abnegação desinteresse, a par de um orgulhoso e heroico particularismo, constitui a duplice caracteristica moral da obra civilizadora dos portugueses, desde as glorias épicas das eras «ibericas» e «lusiadas» até a epopeia «Brasilia», na prodigiosa realização da America Lusitana. E' de admirar apenas como perdura através do materialismo nivelador dos tempos modernos. Nesta memoria de pedra e bronze, que é uma sintese historica, um nome unico, de fama e explendor seculares, se invoca e se consagra — Luiz de Camões. Nome que na sua imortal proeminencia, perdeu tambem a personalidade; simboliza o coração de um Povo, o espirito de uma Raça, a alma de uma Patria!

Deste heroi, maximo e optimo da nacionalidade, se foi possivel averiguar-se a filiação, houve todavia que deixar incertos o berço e a sepultura. A sua vida é uma série de indeterminações e de duvidas, vaga em datas, em feitos, em nomes. Viveu entre os homens da sua época, não por completo anonimo, todavia sem que do seu talento enciclopedico colhesse abastança correspondente ao seu valor, brilho e patriotismo. Os contemporaneos e os cronistas louvaminheiros das côrtes, que traspassou como um meteoro de estrelantes cintilações, não se ocuparam da sua biografia, perene de riqueza intelectiva, quando mesmo era na moda o gongorismo das mutuas lisonjas. Findou abandonado, com o funeral da vala-comum, como muitos santos martires, que voaram nas asas do génio, despegando-se da humanidade terrena para o absoluto infinito da espiritualidade. Mas a grandeza da sua obra imortalizou-o, justamente porque a vastidão da sua magnificencia a elevou acima de todos os nominativos, sejam os herois da maravilhosa epopeia, sejam os motes pessoais da fecunda poesia, de sublime lirismo, que constitui todo o seu ser moral, de raro Poeta Nato. Poeta por Graça de Deus, como o intitulou um dos seus admiradores da Germania.

Aristocrata do pensamento esculpiu em rochas inabalaveis a obra de um povo, desde a humildade dos herois anonimos, servos das glébas, das artes, das guerras, até a sumptuosidade imperativa dos poderosos, grandes capitães, ricos homens, altas personalidades reais. Homem do Povo este rodeou-o de aureolas legendarias, transformou-o num Mito, divinizou-o.

* * *

O monumento que hoje inauguramos, não tem as proporções colossais que competiam á glorificação deste gigantesco heroi nacional. Os portugueses transportaram para esta praça a imagem que retiraram do altar domestico em que veneram os lares e penates trazidos da patria natal com as reliquias da fé e da tradição, que constituem a essencia da nacionalidade. Por onde andaram, desde o seculo XV, percorrendo o mundo desconhecido, cruzando oceanos tenebrosos, conquistando povos, colonizando ilhas e continentes, construiram padrões, fortalezas, ermidas, hospitais, escolas, e sementaram nas novas terras o plasmo unificador de uma raça, de um idioma, de uma tradição; em toda a parte o nucleo gerador de civilização e de patrias novas.

Luiz de Camões não é sómente o excelso cantor desta epopeia; é tambem o seu heroi eponimo. Viveu-a desde a nascença no esforço de dar ao seu genio o poder da sabedoria, na luta para um mester superior de vida temporal, nas aventuras da mocidade estravagante, de pendor amoroso e legitima ufania, no cruel fadario de emigante, como soldado na Africa, na India e na China, sofrendo sem desalento as durezas da miseria, as feridas e mutilações das batalhas, a angustia mortal dos naufragios, a dôr cruel do menosprezo, da incidia e da injustiça dos homens. E através de tamanho desfavor da sorte e de uma vida tão rude quão tormentosa, concebeu, burilou e pôs a salvo a imaculada cristalização deste Poema imortal, que é considerado universalmente, tal como a Biblia, o Livro Maximo da era portentosa do Renascimento Ocidental. Porque não constitui tão sómente a Odisseia de um heroi olimpico ou de um Mito, porque canta, exalça a obra mundial, humana, maravilhosa de um povo é a epopeia de uma nacionalidade, e a genial expansão do «peito ilustre lusitano».

* * *

Aquele destino ingrato foi igual, no sacrificio, ao de tantos que tambem emigraram para longe da terra natal, forçados ou contratados, como anonimos tripulantes, enchendo o bojo das caravelas que, sob a flamula de reais pilotos, realizaram o glorioso descobrimento, a venturosa fortuna da conquista de Novos Mundos. Martirizante calvario o destes ocupantes de estranhas terras que primeiro as regaram e lavraram consumindo o proprio corpo, que as cultivaram e fecundaram com prolifero germen da propria vida. Como a fraterna igualdade deste fatalismo liga as almas na luta, na crença, na esperança, os Lusiadas transformaram-se no Evangelho da grei luso-brasileira; e Camões no Penate maximo do seu culto. Do amago deste sentimento de veneração que une as duas patrias num só altar civico, nasceu este modesto monumento: simples mas eloquente na sua alegoria; grandiloquo, pelo que do velho Portugal fala ao novo Brasil.

No alto o heroi, «mente ás musas dadas», «braço as armas feito», cantando o peito ilustre lusitano a que obedeceram as divindades, dos mares e das terras. Na face do pedestal o humilde gageiro que entre as enxarcias, sob o docel das enfunadas velas e do signo resplandecente da Cruz de Cristo, enxerga pela pôa da caravela a terra almejada com uma aleluia de salvação. Ele, do seu posto da gavea, obscuro marujo, o primeiro descobridor; talvez a primeira vitima sacrificada ao misterio dessas terras e dessas gentes ignotas, para onde leva rumo, numa audacia que brada aos ceus, a intemerata argonautica lusiada. Na pôpa do monumento, a figura alusiva da Gloria, enfeitando de laureis a esteira desta epopeia triunfal.

Singela, intima, deminuta, esta alegoria, como preciosa miniatura de nobres avoengos, que representa a grandiosidade de um ilustre passado, ou como uma santa reliquia de uma intensa devoção que vai até ao sobrenatural do milagre.

Nesta novissima cidade do planato paulista, este pequeno monumento não será um anacronismo. Significará a sacramental eucaristia das duas nações, fundidas na mesma e unica patria original. O vulto do grande épico sobre um pedestal paulista, no coração do Brasil-Novo, não é só um humano exemplo da superior heroicidade na abnegação, no patriotismo, na certeza do triunfo, mas tambem a simbolica alusão a uma epopeia não acabada, ao canto lusiada não escrito da America Portuguesa. Seria o poema da formação territorial brasileira, fechando a epopeia maritima dos antepassados lusiadas, seria a formidavel «Marcha para Oeste», esse novo poema terrestre, partindo no nucleo vicentino, do primeiro reduto lusitano de «Santo André de Borda do Campo».

Não ha muito visionava Malheiro Dias numa eloquente oração camoneana, o que seria esse Canto da formação do Brasil.

Imaginava como descreveria o genio de Camões a semana mystica de Vera-Cruz, pacifica e bondosa; os primeiros passos sôbre aquela terra inviolada dos três herois estatarios, que Cabral mandou como lidimos emissarios da grei lusitana-Bartholomeu Dias o descobridor do Cabo das Tormentas, Nicolau Coelho o companheiro do Gama na viagem gloriosa, Pero Vaz Caminha o pretaciador da historia do Brasil; entrevia como Camoes eternamente fixaria em um painel desse canto inexistente o enlace de João Ramalho com a bronzea virgem filha de Tibiriçá, onde vai gerar-se a fusão das duas raças, e a definitiva posse do Brasil; como em seus versos espectaculosos e solenes Camões narraria a prodigiosa escalada da Serra de Santos por Martim Afonso de Sousa, e os esplendorosos desembarques dos Donatarios.

* * *

Ainda mais a cantar e a celebrar com «tuba canora e belicosa», a corrente impetuosa para os quadrantes do Poente, com três relevantes capitulos de coloridos diversos, historico, economico e social. O primeiro na era seiscentista, das entradas de finalidade pastoril e agricola, mesmadas ou fossadas de preamentos dos selvicolas para o arroteamento das terras, o trabalho das fazendas e engenhos, iniciando com espantosa audacia a penetração dos reconditos sertões. Na segunda fase, as bandeiras-nas monções de setecentos e nas anexas dos seculos seguintes-á cata dos sonhados Eldorados da prata, do ouro, das pedras preciosas, seguindo as caudais dos grandes vales, galgando espinhaços, coleando matas virgens e pantanais, enveredando por traiçoeiros atalhos de indios pelos socavões das Gerais pelos altiplano, de Goyaz, Mato Grosso, até ás cristas Andinas, a ver o outro Oceano. O terceiro periodo, de historia contemporanea, com a obra inigualavel pela vastidão e rapidez do povoamento, da cultura extensiva, da estabilização definitiva no proprio territorio da nação brasileira, que surge triunfante no seu integral de riqueza e progresso, como apoteose final desta campanha secular, e que representaria em estrofes deuradas o derradeiro canto da epopeia lusiada.

* * *

Os portugueses aqui implantados, num dos nucleos paulistas da nova era, a estatua do imortal cantor, sintetizando e recordando esse fantastico sonho de Cesar alucinado: o fluxo impetuoso para o oeste americano, até aos miradouros no Pacifico, alastrando-se pelos quadrantes meridionais e austrais, e refluindo sobre o Atlantico, envolvendo todos os Estados do Prata-o maior imperio do Continente!

Sonho ou alucinação, dá-nos uma idéa de genealidade, da tempera, da fantasiosa ambição dos nossos super-homens dantanho, construtores de grandiosas nações.

O Estado de S. Paulo no prodigio do seu crescimento e da sua prosperidade é o exemplo vivo deste ultimo bandeirismo. Ribeirão Preto, data da segunda metade do século XIX e outros centros paulistas se têm formado com igual ou maior velocidade, atingindo a meta inacreditavel da recente cidade de Marilia.

Aqui foram proximos bandeirantes, divisionarios da extensa sesmaria do Cascavel as lustres pleiades de Pereira Barreto, Deniz Junqueira, Martinico Prado, Henrique Dumont (realizando o primeiro maior nucleo agricola de Ariundiuva que no advento da Republica continha cinco milhões de pés de Café), Francisco Schmidt e muitos outros, os primeiros importadores da colonização livre, mecanizadores da grande agricultura, industrializadores da viação, trafego e comercio da produtividade maravilhosa do solo paulista, riqueza autentica e basica, garantidora integral dos Estados Unidos do Brasil. Tão juntos deles estamos que escutam-nos hoje os filhos destes nobres solares dos grandes fazendeiros de Ribeirão Preto.

Neste dia de Camões, da Raça, dia festivo do Brasil a eles se dirige tambem o sentimento da veneração que nos reuniu para esta solenidade comemorativa. A todos estes pioneiros se deve a transformação do panorama brasileiro, na sua geografia humana, economica e politica, a todos desde os primeiros habitantes da terra, antes de Colombo e Cabral, até aos actuais de imperterita iniciativa, deve-se o ousado avanço para o Oeste do meridiano de Tordesilhas, e a limitação decisiva do maior imperio da America do S.

* * *

Onde os sertões virgens e incultos, agora, a perder de vista, campos verdejantes de culturas, regradas pelas lavouras, bastos pomares com rubros frutos dos cafezais, os niveos flocos dos algodoeiros, os pomos de ouro dos laranjais, pradarias, searas, jardins. E como obeliscos balizando a esteira deste surpreendente progresso, as esguias flechas dos zimborios urbanos e as altas chaminés fumegantes da mais variada industria, parceira obediente do milagroso engenho do homem. Compõe-se com todos os matizes desta fecunda natureza o escudo policromico duma heraldica delineada sobre o imenso pergaminho do solo nacional, com a palheta rutilante de filigranas, de iluminuras, de esmaltes e de gemas encastoadas. Heraldica da natureza, bandeira multicor, hino de excelsa gloria á divina graça, bemaventurança e riqueza dos ceus e terras, dos ares e aguas, da fauna e flora do imenso «Paraizo Brasileiro».

Eis o canto mudo, a expressão silente deste simples monumento, a linguagem que os portugueses quereriam, se possivel, que ele falasse com espontanea e difusa eloquencia, espargindo-se por esta terra, em torno, e por todo o Brasil.

Aceitai, senhor governador da cidade de Ribeirão Preto, este nosso voto, de sentimento e de ideal tão sinceros que os esculpimos em pedra e bronze; e dignai-vos firmar o alvará para que nesta cidade permaneça mais este modesto padrão da lealdade portuguesa, do seu fraterno amor por esta terra bemdita, da imperecivel união das nossas duas Patrias.

Os portugueses, á cidade de Ribeirão Preto, assim o dedicam e consagram».

O RANCHO DE COLARES no Estoril

No proximo domingo, 11, o «Rancho de Colares» visita o Parque do Estoril, fazendo pela tarde, ás 18 horas, uma exibição das suas curiosas dansas e canções populares, alusivas á sua região.

O «Rancho de Colares», organizado pela «Adega Regional de Colares», conta mais de 100 figuras, com a sua musica tipica.

E' ao Estoril que o «Rancho de Colares», após ter recebido o «Cacho de Ouro» na festa de domingo ultimo, em Colares, faz a sua primeira visita, seguindo-se outras a diversos pontos do país.

«DEFESA DO IMPERIO»

Hoje, pelas 21 horas, profere na Emissora Nacional uma palestra do ciclo «Defesa do Imperio», patrocinado pela revista «Defesa Nacional», o capitão aviador Humberto Delgado, chefe dos Serviços de Propaganda Militar daquela revista.

Intitula-se a palestra «O Exercito — o melhor da Nação — e o Chefe».

Carta de Portugal

Do Instituto Geografico e Cadastral recebemos a folha 39 (Alcacer do Sal) da carta corografica de Portugal editada por aquela repartição, que é um trabalho modelar sob o aspecto grafico e cientifico.

LONGINES

Sempre na vanguarda das bôas marcas

10 GRANDS PRIX

CASINO ESTORIL

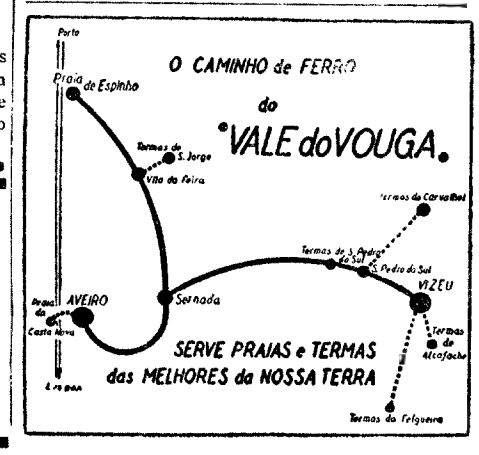
AOS SABADOS: Jantar á Americana Preço: Esc. 20$00

AOS DOMINGOS: Jantar dançante Preço Esc. 12$00

Orquestra Portugal

Todos os dias: De tarde, cha-dançante e á noite Baile e Cinema.

Bilhetes especiais, Lisboa-Estoril e volta em 2.ª classe, com direito a transporte da Estação ao Casino entrada no Casino e um vale de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino. A' venda todos os dias nas bilheteiras do Cais do Sodre a Esc. 12$50.



IX Expresso Popular

De Lisboa ás Caldas da Raínha e a S. Martinho do Porto

Domingo, 11 de Julho

Ida e volta... ... ... 20$00
Marcação de lugar, facultativa... ... 2$50

HORARIO

IDA

Lisboa-Rossio ...	Partida ...	8,20 h.
Benfica.....	»	8,31 »
Amadora.....	»	8,38 »
Queluz	»	8,42 »
Obidos	Chegada ..	10,43 »
Caldas.....	»	10 51 »
	Partida ...	10,55 »
S. Martinho.....	Chegada ..	11,08 »

VOLTA

S. Martinho	Partida ...	15,00 h.
Caldas.....	Chegada ..	15,14 »
	Partida ...	21,18 »
Obidos	»	21,25 »
Queluz	Chegada ..	23,15 »
Amadora.....	»	23,20 »
Benfica.....	»	23,27 »
Lisboa-Rossio...	»	23,40 »

Bilhetes á venda nas «Informações» da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Trafego da C. P.—Santa Apolonia—Telefone 24031.

HAVAS

O mais moderno, distinto e duradoiro esmalte para as unhas, em todos os tons clássicos e ainda em nacrés, perlés e laqués, é o

COPLAK

Agente exclusivo:
F. LUZ E SILVA
Rua da Madalena, 66, 1.º — Lisboa

Aos Senhores Automobilistas

RESTAURANTE MARISQUEIRA

de Cascais

TELEFONE 234

Serviço de cosinha, Almoços e Jantares. Preço fixo, á carta. Serviço de "bar„, grande variedade de mariscos. Cerveja de pressão.

Aberto durante a noite

AZENHAS DO MAR

Pensão Bela Vista

Abriu em 15 de Junho

Telefone: Praia das Maçãs 25

CURIA

Hipertensão arterial, diabetis artritica, albuminurias.

Acção notavel sobre o aparelho urinario

Aberta de 1 de Junho a 15 de Outubro

BRINDES MECA

Corte e costura ou chapeus e bordados gratis

P. Brasil, 44-48, 3.º
Telef. 4 3492

Tília da Australia

Vende: **PEROLA DE S. DOMINGOS**

T. 2 2678—R. dos Correeiros, 331—Lisboa

NENHUMA TAREFA É DEMASIADO GRANDE

para as tintas e vernizes du Pont, DUCO ou DULUX

Para o «Empire State» de Nova York, o maior edifício do mundo, para os interiores do «Manhattan», o maior transatlântico até hoje construido nos Estados Unidos, foram escolhidas as tintas du Pont. É que elas são as mais apropriadas para tôdas as tarefas: grandes ou pequenas.

Milhões de casas são pintadas com

DUCO **DULUX**

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

HAVAS

SOCIEDADE "ESTORIL"

Assinaturas para crianças com abatimento durante o verão

No intuito de facilitar o uso de banhos de mar ás crianças, cujos pais não podem sair de Lisboa durante o verão, estabeleceu a Sociedade Estoril a redução de 50 0/0 nas suas assinaturas a todas as crianças com menos de 16 anos. Deste modo, com um pequeno dispendio, todas poderão colher os beneficios higienicos da frequencia durante um, dois, ou 3 meses de uma praia da linha de Cascais, á sua escolha.

Para melhor se avaliar a importancia de tal abatimento de preços, a seguir indicamos, a titulo de exemplo, o custo das passagens para as diferentes praias:

3.ª CLASSE	Cais do Sodré até				
	Dafundo	C. Quebrada ou Caxias	P. Arcos ou Oeiras	Carcavelos, Parede ou S. Pedro	Estoris ou Cascais
Preço de 1 série de 52 viagens simples com a validade de um mês	35$30	39$70	52$90	72$75	81$55
Preço correspondente de 1 viagem	$68	$77	1$02	1$40	1$57
Preço de 2 séries de 52 viagens simples com a validade de dois meses	63$05	73$15	97$60	134$10	150$40
Preço correspondente de 1 viagem	$62	$71	$91	1$29	1$44

Como se vê, até Dafundo, cada passagem custa menos do que um bilhete de electrico de 2 zonas; até Caxias, sensivelmente o mesmo que este bilhete; e até Oeiras, pouco mais do que o de 3 zonas.

Ainda há pouco estava prostrado com o calor e com uma dor de cabeça desesperada. Bastaram-lhe, porem, 2 comprimidos de

Cafiaspirina

para se sentir tam fresco e tam são, como se o calor não existisse.

E . . . sabem porquê? Porque o mal-estar dos dias de calor é provocado por certas perturbações do sistema circulatório, e a Cafiaspirina tem uma acção reguladora sôbre a circulação do sangue, restabelecendo o equilibrio do organismo.

Alem disso, tira as dores de cabeça, descongestiona, levanta as fôrças e proporciona a sensação de saúde e bem-estar.

BAYER

Praia da Cruz Quebrada

Bilhetes a preços reduzidos no comboio electrico. 15 minutos de Cais do Sodré á Cruz Quebrada.

Todos os domingos desde 13 de Junho a 10 de Outubro.

Preços *(Ida e Volta)*

De Cais do Sodré e Santos..... 2$00
De Alcantara e Belem..... 1$50

Além dos comboios de horario realizar-se-ão todos aqueles que se tornem necessarios.

Feira da Vidigueira

Por motivo desta feira, que se efectua de 10 a 12 do corrente, a C. P. põe á venda nas principais estações do Sul e Sueste bilhetes de ida e volta de reduzidissimo preço com validade para ida de 9 a 12 e volta de 10 até 13.

O preço da viagem de ida e volta de Lisboa a Cuba é de 47$.0 em 2.ª classe e de 32$60 em 3.ª

Körting Radio

Pr. Luiz de Camões, 36, 2.º
Telefone 2 1945 *LISBOA*

HAVAS

Para as suas toilettes de verão...

Prefira um grande estabelecimento como o nosso onde encontrará mestres de côrte especializados em confecções de senhora Vendemos casacos á inglesa, para senhora, desde 60$00 e tailleurs em lindos tecidos de lã, imitando linho, desde 180$00.

ARCADA DA MODA

Armazém de Lanificios e Alfaiataria
Rua dos Fanqueiros, 252-256
LISBOA

VENDAS A PRESTAÇÕES COM BONUS CONTRATOS ESPECIAIS

Basta o nome....

....ULTRADYNE

RADIO MARAVILHA

Não é preciso falar sobre quantidades DOS APARELHOS VENDIDOS! quantidades fantasticas, que SÃO MUITAS VEZES OS SONHOS DOS VENDEDORES

A QUALIDADE É COMPETENTE

portanto: **ULTRADYNE**

Aparelhos desde

Esc. 270$00

VENDAS COM TODAS as facilidades

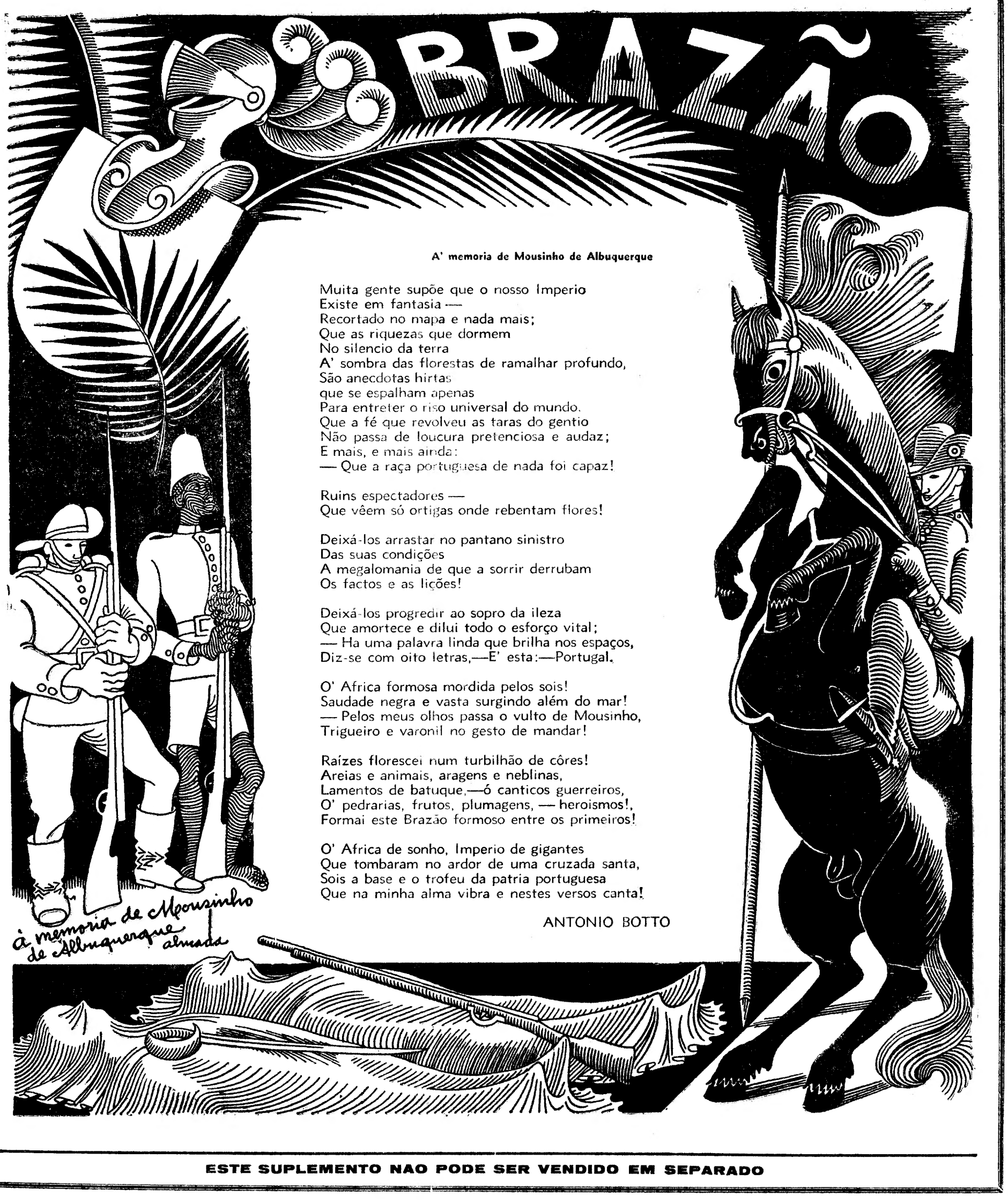
CAMOC: Rua dos Fanqueiros, **150, 2.º**
Expos: Rua do Mundo, **100, 1.º**

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271



A' memoria de Mousinho de Albuquerque

Muita gente supõe que o nosso Imperio
Existe em fantasia —
Recortado no mapa e nada mais;
Que as riquezas que dormem
No silencio da terra
A' sombra das florestas de ramalhar profundo,
São anecdotas hirtas
que se espalham apenas
Para entreter o riso universal do mundo.
Que a fé que revolveu as taras do gentio
Não passa de loucura pretenciosa e audaz;
E mais, e mais ainda:
— Que a raça portuguesa de nada foi capaz!

Ruins espectadores —
Que vêem só ortigas onde rebentam flores!

Deixá-los arrastar no pantano sinistro
Das suas condições
A megalomania de que a sorrir derrubam
Os factos e as lições!

Deixá-los progredir ao sopro da ileza
Que amortece e dilui todo o esforço vital;
— Ha uma palavra linda que brilha nos espaços,
Diz-se com oito letras,—E' esta:—Portugal.

O' Africa formosa mordida pelos sois!
Saudade negra e vasta surgindo além do mar!
— Pelos meus olhos passa o vulto de Mousinho,
Trigueiro e varonil no gesto de mandar!

Raízes florescei num turbilhão de côres!
Areias e animais, aragens e neblinas,
Lamentos de batuque,—ó canticos guerreiros,
O' pedrarias, frutos, plumagens, — heroismos!,
Formai este Brazão formoso entre os primeiros!

O' Africa de sonho, Imperio de gigantes
Que tombaram no ardor de uma cruzada santa,
Sois a base e o trofeu da patria portuguesa
Que na minha alma vibra e nestes versos canta!

ANTONIO BOTTO

LITERATURA FEMININA

OLHOS AZUES

novela por MARIA ARCHER

—Agora falo eu!—exclamei, já irritada.

Jorge, placidamente, fitou-me em silencio. Os seus olhos azues, muito azues e muito frios, ampliavam a censura das ultimas palavras.

—Conheci essa rapariga o ano passado, na praia. Achei-a encantadora. Viva, pequenina, elegantissima, maravilhosamente vestida, sempre a rir, sempre a palrar... Encantava, acredita! Todo o dia desenhava, enchendo os albuns com as figuras dos banhistas, das crianças, dos aspectos do mar, dos arabescos do ceu. Era artistas, artista a valer! Mas o que mais me atraia nesses desenhos, o que me fazia pensar nela, como num segredo vivo, era vê-la encher paginas e paginas com uns olhos azues, muito azues, uns olhos assim como os teus, sombreados de fios castanhos. Era um desenho que se repetia, recomeçava, continuava, ora de frente, ora de lado, vistos do alto, vistos do baixo, serios, colericos, maliciosos, enfim, em mil expressões. Mas sempre os mesmos olhos azues, enchendo paginas e paginas, desenhando uns após outros, dia após dia. Curioso, não achas?

—Hum...

—Eramos vizinhos de barraca. Quando nos falámos meti-me em rodeios para descobrir o misterio dos olhos azues. A Dina, porém, dizia-me que não escondia misterio naquela obsessão. Desenhava uns olhos ideais, criação da sua fantasia, nunca vistos nem sonhados—mas adorava-os, a esses olhos azues, e gostava de os sentir presos ao bico do seu lapis, entretinha-se a desenhá-los, a repeti-los, a contemplá-los. Loucura, talvez—mas loucura galante, inofensiva...

—Hum...

—Dina vivia com os pais; disse-me que dispunha de rendimentos, que tinha automovel, que guiava. Enfim, era uma filha-familia em situação abastada. Não vi inconveniente ás nossas relações.

«Uma coisa estranhei—que ela viesse todas as noites a Lisboa, sózinha, guiando o carro. Para quê? Nunca o soube; e confesso-o, mal pensei no assunto. Era uma outra extravagancia genero das suas sandalias de tacão alto, do seu regime alimentar, da sua gimnastica de bailarina, da sua obsessão pelos olhos azues. No fundo, manias inofensivas...

—Hum...

—Eu gostava dela, e a simpatia predispunha-me á benevolencia. Encantadora, acredita...

—Hum...

—Finda a época, regressámos todos a Lisboa. Aqui começaram os meus reparos. Oh! senhores, as amigas dela! Que extraordinarias amigas! Levianas, espalhafatosas, grosseiras, barulhentas! Comecei a retrair-me, fugindo á convivencia da Dina para me furtar a mesclar-me com o bando folião, suspeito. E achava estranho que a Dina não tivesse, para a acompanhar, senão raparigas estouvanadas, desenvoltas como eguas das pampas. Era estranho... Mas o porquê do caso não me ocorria. Não, não me ocorria...

—Hum...

—A pouco e pouco fui observando outras notas desagradaveis. De repente faltava-lhe o dinheiro, quer a ela, ao pai, ou á mãi, e percebia-se que era a Dina, e só a Dina, o timoneiro do barco. Quando se referiam ao dinheiro, ás cousas do dinheiro, o pai e a mãi envolviam a filha num olhar involuntario. Aquele olhar falava como revelação. Enfim, eu acabei por compreender que a Dina era o banqueiro da familia!

—Hum...

—Aborrecido, bem sei! Ennoja, vá! Eu senti o nojo. Mas a curiosidade susteve-me do corte de relações...

—Hum...

—A curiosidade, sim! Dizia de mim para mim: De que vivem eles? Quem lhe dá, a ela, o dinheiro? Como se passa tudo isto? A lama, sabes, tem a sua fascinação...

—Hum...

—Meteu-se-me no corpo uma alma de policia. Passei a espiolhar tudo o que via, tudo o que ouvia, quem entrava, quem saia, as conversas ao telefone, o que diziam os criados, as amigas. A minha boa-fé sumira-se. Agora farejava o misterio no ar e na agua. O telefone ajudava-me; através do retalho da conversa que me chegava aos ouvidos eu reconstituia o que me escapava, o que se dizia do lado de lá. Assim fui dobando a meada. Percebi que a Dina era explorada pelos pais e que o corpo gracil da filha constituia para eles a mina de que se vive bem sem trabalhar.

—Hum...

—Sim, eles, é claro. Ela não; não me era antipatica. Não sei como, via-a no papel de vitima... Recebia no quarto, todas as noites, a visita dum senhor de idade, imensamente gordo e respeitavel, que, quando muito, se demorava uma hora. Ele saia e Dina reaparecia na sala, vermelha, irritada, com a expressão bravia de alguem que quere bater, que quere lutar. Dentro em pouco pegava no telefone e trocava breves palavras com o invisivel interlocutor. Depois sossegava, como vencido que tem segura a desforra. E eu percebia, tão nitidamente como se estivesse vendo o homem preso na outra banda do fio, que ela variava as chamadas, e hoje era um, amanhã era outro...

—Hum...

—Desgraças... Entretanto eu ia-me afastando dela. A familia, as amigas, os amigos, todos a sermonearem-me com a Moral ofendida... Tu, então, que te arvoraste em campeão da Moral... Chegaram a aborrecer-me, vocês todos. Não queria provocar um corte brusco, ia esfriando lentamente, afastava as visitas, espaçava os encontros, apoiava-me no tempo e na ausencia. Tinha pena dela, sofria por a humilhar, por a ofender...

—Hum...

—Ela é encantadora, acredita! Mas não havia outro remedio. A situação arrastava-me na queda e eu não conseguia elevá-la. A pouco e pouco o descredito dela aumentava—pandegas, escandalos, brodio largo em noitadas de esturdia. Ah! aquelas amigas!

—Hum...

—Eu preveni as criadas, aqui em casa. Quando a Dina me visitasse ou me telefonasse, eu tinha sempre saido...

—Hum...

—E' radical. Corta, sem sangue. Mas, dias depois, encontrei-a numa pastelaria. Acompanhava-a a criada dos quartos, toda secia, disfarçada de senhora, com chapeu, luvas, raposa nos ombros, e um rapaz franzino, insignificante, quasi calvo. Dina, radiante, fez as apresentações: D. Antonio de Lordel e Vasconcelos, filho do conde de Baltem, meu noivo. Pasmei!

«A Dina estava noiva! Noiva! Aquela estroina ia casar! O heroi usava um neme heroico, ressoante de lendas e alta linhagem; os condes, arruinados, viviam no ultimo torrão, num canto provinciano, esquecidos do mundo que os esquecia; e o filho da preclara raça, herdeiro do titulo, reaparecia á luz mundana de Lisboa pela mão duma estoiravergas conhecida...

—Hum...

—A Dina envolveu-me numa onda de afagos. Fez-me sentar na sua mesa e ostentou quanto pôde a sua amizade comigo. O noivo foi gentil, acompanhando o entusiasmo dela. Até a criada me cedeu o lugar... Assim que me viu preguntou logo se podia retirar-se, se já não era precisa. Dina, então, justificou a presença da criada com a necessidade de ter quem servisse de «chauffeur». O Antonio, dizia ela, não simpatizava com as suas amigas. Pedira-lhe mesmo para as afastar. Já receava apresentar-lhe as outras, temendo igual retraimento. Eu, num relance, abrangi o melindre da situação. Vi aquele noivo aterrando-se com o aspecto duvidoso das amigas da futura esposa, e vi-a, a ela, inteiramente só, desacompanhada, sem poder apresentar ao homem que a namorava para casar o grupo das raparigas que a rodeavam. Eu, naquela ocasião, apareci como oiro sôbre azul. Dina, ardilosamente, exibia-me, salientava a intimidade das nossas relações, e envolvia os factos em teia tão bem tecida que se poderia depreender sermos nós velhas amigas, intimas de sempre, donas dum passado comum. Eu percebi o artificio, mas deixava o logro correr. Dina servia-se de mim, da minha presença, da minha simpatia, como dum atestado de honorabilidade, como dum alibi que a ressalvava da conduta escandalosa das companheiras habituais!

—Hum...

—Assim mesmo! E eu não me revoltava... Gostava dela... Mas chamaram-me ao telefone. Deixei-os uns momentos a sós. Quando voltei Dina informou-me:

«—Falámos de ti. Agradas ao Antonio, e ele é dificil. Ficas convidada para o casamento. Não sei se sabes, és a primeira convidada, a unica das minhas amigas que ele convidou!»

—E' que não ha ponto de comparação—interrompia ele.

—Ainda te não disse, mas olha que por causa da Raquel e da Luiza ele escreveu-me, a romper!...

—Evidentemente, tu és a minha noiva, a minha futura mulher, nem toda a gente me serve para te acompanhar, dizia o Antonio, em tom profundamente grave.

—Eu conhecia-as, á tal Raquel, á tal Luiza. Medonhas! Mas as outras, as amigas que a Dina, certamente, lhe não mostrava, ainda eram piores!

—Hum...

—Piores, digo-te eu! Dina não se visitava com nenhuma rapariga de bem! A pouco e pouco ia perdendo as relações que conseguia. Era encantadora, acredita. Mas aquele pai, aquela mãi, aquelas amigas, aquela vida! Havia o velho o que pagava. E os outros, os novos, os da desforra! E as mentiras, os enrêdos, o veneno, a lama, por toda a parte! Repugnava-me e agradava-me. Sim, eu gostava dela, achava-a superior ao meio, mais vitima dele que comparsa...

—Hum...

—Vitima dele, sim! Resolvi amparála, enfrentar a situação com animo generoso. O noivo, era evidente, estimava ver-me com a Dina. E eu sentia que para ela o casamento era a salvação. Libertava-a dos pais, do velho, dos outros, dela mesma, talvez! Casada, tendo a quem prestar contas dos seus passos e do seu tempo, seria forçada a mudar de vida. Eu concorria, com toda a alma, para essa obra de remissão. Julgava proceder bem...

—Hum...

—O meu concurso, eu sentia-o, tinha o seu tanto de sacrificio. Nenhuma mulher ciosa do seu bom nome e fama aparecia lado a lado com ela. Mas o Antonio era inundado de cartas anonimas, avisando-o, aconselhando-o, insultando-o! Via-se na obra a mão das amigas repelidas, da Raquel, da Luisa, da Benta, da Clara. E eu, eu só, com a minha presença, com a minha camaradagem, escudava a Dina no animo do noivo. Porque eu a conhecia, porque eu a visitava, porque eu a acompanhava, o Antonio confiava no passado dela!

—Hum...

—Tal qual! E o casamento fazia-se, já tratavam dos papeis, os notarios preparavam as escrituras. Havia separação de bens. Dina aparecera, dum momento para o outro, proprietaria dum predio nas Avenidas Novas, com dois contos de rendimento por mês. O tal D. Antonio, a tróco do titulo a herdar, aninhava a sua ociosidade inutil entre os dois contos mensais da noiva. Mas o lucro maior era dela; porque a posição de mulher casada, o nome aristocratico, o enterro do passado, valiam bem a compra do marido!

«Muitas vezes apareci em publico, lado a lado com eles. Crivavam-me, censuravam-me... Não me importei. A minha imprudencia continha mais dignidade que a farfalhuda moral dos meus censores...

—Hum...

—Até que chegou o dia em que me apresentaram o padrinho do casamento. Alto, elegante, espadaudo, lindo rapaz! Mas o que mais me deu no gôto, o que mais admirei, foram os olhos dele, olhos azues, muito azues, entre fios castanhos. Não te envaideças, mas eram uns olhos como os teus...

—Hum...

—Sim, radiosa, radiante, festejava doidamente o padrinho. Bebia-lhe as palavras, queimava-o com os olhos—e eu via, com crescente terror, que ela se perdia nos olhos azues do rapaz, naqueles olhos azues tão semelhantes aos que ela desenhava, folha sobre folha, nas tardes do ultimo verão!

«Saiamos muito. Dina guiava o carro pelas belas estradas da Outra Banda e parava nas ribas altaneiras donde se descobre o infinito do mar e do ceu. Embebia-se de azul, largamente, sofregamente—e depois, virada para trás, mergulhava o olhar nos olhos azues que a fascinavam. O casamento, porém, tinha a data marcada. Os convites estavam feitos, o enxoval acabado, o copo de agua encomendado. Eu já provára na modista o meu vestido de cerimonia. Enfim, o enlace realizava-se.

«E não se realizou. O Antonio, ao entrar, inesperadamente, na sua futura moradia, surpreendeu a Dina e o amigo dos olhos azues ocupando o leito do noivado. Não sei que disseram nem o que se passou, nem o que se não passou. São momentos de tragedia, são desgraças... Cada um de nós seguiu o seu caminho. Eu renunciei a sacrificar-me mais pela minha encantadora amiga. O noivo renunciou aos dois contos mensais da noiva. O padrinho renunciou—a mão sei quê. E a Dina continuou a escorregar pela ladeira abaixo. Anda por aí, já ouvi dizer. Nem ela me procura, nem eu a procuro. Creio que temos vergonha de nos vermos. Que, no fim de contas, ela não é culpada por gostar dos olhos azues. .

—Hum... Mas quem é ela? Como se chama? E... onde mora?

MARIA ARCHER

NOVIDADE LITERARIA

JOAQUIM MANSO

Malicia Sem Maldade

Uma nova mensagem espiritual

A' venda em todas as livrarias

Dez minutos com

Oscar Paxeco

Oscar Paxeco, além de jornalista, com os seus creditos profissionais firmados, é ao mesmo tempo comissario do governo junto do teatro de S. Carlos e um investigador de merecimento que nos anuncia para breve um interessante trabalho biografico acêrca duma das figuras mais notaveis e mais desconhecidas da Igreja, que foi português de nascimento, o celebre papa João XVI.

Oscar Paxeco publicou recentemente um livro de historia contemporanea, «Os que arrancaram em 28 de Maio», que nos levou a entrevistá-lo para os «Dez minutos» deste Suplemento. Segue o seu interessante depoimento:

— Como escreve?

— Como creio que escrevem os que têm de fazer das letras profissão de todas as horas: sempre que é preciso e de qualquer maneira. Quando a tipografia espera e ha que ganhar tempo para que o original chegue quando deve, escrevo onde calha e como calha. Tanto me serve o café com o seu rumor anonimo, como tão bem o classificou o querido padre Morcira das Neves, como o remanso aconchegado da casa onde tenho, pelo menos, um ambiente apaziguado e burguês, bem diferente dos centros de cavaco. Escrevo, pois, como calha e quando calha, sempre que é preciso. E se isto fôsse para não ser publicado dir-lhe-ia, muito entre nós, que nunca senti aquela irresistivel ansia de escrever que ataca alguns dos nossos escritores. Tal qual em mim aparece, ás vezes, a vontade de tomar café. Quanto á inspiração, uma senhora que pelo visto tem de se atender logo que chega quando ela me surge, talvez porque não sou poeta, nunca se apresenta com modos de querer despacho imediato. Por isso mesmo guardo-a para quando é precisa e uso-a quando pode ter prestimo de maior.

— Livros publicados e a publicar?

— Publicado «Os que arrancaram em 28 de Maio», que é ainda e apenas o livro desmazelado dum jornalista. Não tive a pretensão de fazer trabalho de Historia. Quando muito limitei-me a recolher subsidios que a Historia aproveitará, se quizer... Que é um livro politico... — dizem muitos. Eu proprio chamei-lhe um livro de jornalista, pelo processo da sua feitura, pelo «á pressa» com que foi escrito, por tudo, numa palavra. Mas, como sou o mais politico possivel, não me custa receber de bom grado o epiteto, se se assentar em que é fazer politica cantar sem paixão apenas em cima de factos e depoimentos veridicos, como foi que se preparou e eclodiu a Revolução Nacional de 28 de Maio.

«A publicar — A biografia do Pápa português João XVI, o celebre Pedro Hispano, que sendo uma das nossas primeiras figuras de intelectual, cientista, filosofo e literato — é quasi completamente desconhecido. De resto sobre o unico português que teve a honra altissima de subir á cadeira do Pescador, ha, que eu saiba, como trabalhos sérios feitos na nossa lingua apenas o capitulo que Teofilo lhe dedica no seu «Manual da Historia da Literatura Portuguesa» e as notas biograficas de Mons. J. Augusto Ferreira, nos Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga. O resto pouco mais é que musica celestial. Calcule-se que a-pesar-de o insigne português ter vivido na primeira metade do seculo XIII em tudo quanto — aliás muito pouco — se ha publicado, sobre ele, não ha dois autores de acôrdo no respeitante ao local onde o Grande Pápa — medico dorme o sono derradeiro. Cada um di-lo em seu sitio e nenhum é o verdadeiro. Além dum artigo, publicado por um sacerdote português residente em Roma, cujo nome não recordo, na revista catolica «Renascença» e onde se tira o caso a limpo definitivamente, tudo o que se tem escrito sobre a jazida de Pedro Hispano está errado. Já vê o interesse que pode ter um trabalho sobre a figura do grande filosofo que foi, ao mesmo tempo, um dos maiores homens da ciencia do seu tempo.

«Antes, porém, devo dar á estampa o «Salazar visto pelos seus contemporaneos», um livro onde se recolherão as opiniões das nossas figuras mais destacadas nas letras, nas ciencias, no jornalismo, na politica, nas artes e no comercio sobre a figura do nosso Presidente do Conselho, como estadista, como financeiro, como pensador, como escritor, como professor, etc. Será ainda, se calhar, um livro politico, mas, desta vez, não me devem chamar só a mim os nomes feios. Devo ir nas melhores companhias e pela parte que me toca limitar-me-ei a, num breve prefacio, explicar a razão da obra. E é, por ora, tudo quanto tenho em preparação, porque mais do que o livro interessa-me fazer noticias, entrevistas e artigos de jornal — quando tiver onde os fazer, entenda-se.

— O que pensa da nossa literatura contemporanea?

— O melhor possivel, porque não vale a pena pensar o contrario. As coisas são o que são e não o que deviam ser, como diria o meu homonimo Pacheco (com ch) ha que acentuá-lo, ou o meu nunca esquecido conselheiro Acacio. Penso que, até literariamente, salvo rarissimas excepções — as tão necessarias rarissimas excepções — a minha geração é uma geração de desgraça, uma geração falhada. Por isso, eu ainda me fico no culto dos velhos sem me sobrar muito tempo para a admiração dos novos. Acho a nossa literatura contemporanea a melhor possivel, mas prefiro-lhe a outra — a que é, pelo menos, minha contemporanea — e que já está *demodée* para os nossos peralvilhos aliteratados.

— Admirações literarias?

— Tenho muitas, imensas. Admiro todos os que escrevem. Alguns, até pelo heroismo de escreverem. Nomes, porém, tenha paciencia, não lhe digo. Iam chamar-me «bota de elastico». Pacheco (com ch) e outras coisas contundentes. E eu não tenho no meu programa, levar bordoada por causa destes dez minutos. Prefiro antes que em todo o nosso homem de letras fique esta certeza: que quando passar por mim pode dizer convictamente e *urbi et orbi*, se quizer: cá vai um dos meus admiradores.

«E' que de facto eu admiro todos: uns porque nos fazem o favor de escrever, os outros porque têm o heroismo de escrever. Todos são dignos de admiração. Pelo menos, a minha, têm-na.

VIAGEM NA ITALIA

O poeta Carlos Delcroix

por Diogo de Macedo

«Portugal da minha infancia,
Amo-te mais a distancia.»

Eis uma verdade sentimental que todos nós, os sensatos, trazemos no coração. «Só bem se chora um bem que se perdeu!...»

Ha dias aqui em Italia que parecem portuguesse:—ceu azul, igual ao nosso; terras de provincia, serenas e sombrias, como as nossas; gente preguiçosa e distraida, como a nossa; uma espécie de saudade, qual névoa, a pairar sobre as cousas, como em Portugal; e para cumulo, na costa do Tirreno, onde me encontro, na costa do Tirma voz do nosso mar, a mesma monotonia de vai-e-vem, a mesma alma sem fundo...

Dia de S. João! Dia de festa na minha terra!

Ontem, á noite, quando se saltavam fogueiras e se trinavam cantigas em Portugal, aqui apenas as vozes murmuravam as suas preces de ansiedade. Em Florença, sim! Ao menos ali pregavam-se os palanques e preparavam-se os discursos, para a homenagem ao seu Patrono, que é o San Giovanni.

Deitei-me triste e descoroçoado, com mil lembranças a atordoarem-me. Horas depois, uma ventania vinda do mar, protestava contra a paz desta praia sem santos. A tempestade rebentou, com fuzilaria de relampagos, para as bandas da minha terra e uma trovoada imponente que se multiplicava de encontro ás pedreiras de Carrara. Alegrou-me a mudança do tempo tão rapidamente. Deus quis dar-me a ilusão dum grande festival nocturno, que da janela do meu quarto gozei com sofreguidão e reconhecimento. O ceu amainou um pouco e o sono venceu-me. Mas, de madrugada, acordei ao som de novos ribombos e estralejar de iluminações. Os zabumbos e os foguetes lá de longe, tiveram pena de mim e ofertaram-me um lindo numero de alvorada. Cheguei a julgar que fôsse sonho. A força dos elementos, porém, o vento, a chuva e a tormenta é que não esqueceram o nosso Santo e prepararam-me aquele espectaculo. As alcachofras floriram em luz.

Graças ao Senhor, que foi generoso comigo e alegrou o meu coração!

Para assistir á missa solene em Santa Maria del Fiore, pontificada pelo cardeal arcebispo, e para vêr as reliquias do Santo protector da cidade de Dante, na capelita anexa á Lóggia del Bigallo, pus pés a caminho quando o sol doirou a terra. A cidade das flôres e dos ciprestes solenizou o dia de hoje com tradicionais cerimonias no Batistério, com cortejos e bençãos, com musicas e jogos e com fogos pirotecnicos nos jardins de Cacine. A função mais retumbante, no entanto, era a partida de football, aqui famosa e conhecida pelo «Giuôco del Calcio», com trajes florentinos do seculo XVI e precedida por uma procissão historica, na qual figuravam, a cavalo, os principais varões da nobreza local, assim como as corporações de Arte e do Comercio, que fechavam o circulo da Piazza della Signoria, onde o pontapé adestrado se demonstrou com ciencia, sob o olhar do «Perseu», de Benevenuto Cellini, e do «David», de Miguel Angelo. Quem o diria!...

Por tudo isto e mais, a cerimonia aos «Caduti» do Fascismo, com o rito inaugural da lampada votiva, entre as fileiras dos «arditi» combatentes, que austeramente cantavam a saudação aos seus irmãos mortos e de braço estendido á romana, a cidade de Florença encheu-se, não havendo lugar para uma mosca. No Palazzo Vecchio, entretanto, tinha-se desenrolado uma outra festa comovente:—a entrega da medalha, com premio literario, ao mutilado poeta Carlo Delcroix.

Este premio chamado «Firenze, 1937-XV», foi ganho pelo orador-soldado, que na guerra ficou sem mãos e sem vista, heroi das lutas em defesa da Patria, quer as da Grande Guerra, quer as do Fascismo. A sala nobre do palacio regorgitava de admiradores entusiasmados do guerreiro, que após o infortunio da sua cegueira continuou a ganhar louros com a acção da palavra, iluminado de fé e consciio de que o seu sacrificio lirico fôsse gota no oceano do seu inquebrantavel Ideal.

Carlo Delcroix é um hospede, como eu, deste hotel donde escrevo. Ha quinze dias que o vejo pelo braço débil da mulher—extraordinaria dedicação que esquecida doutros encantos mais frageis se consagrou toda, por amor e abnegação, á obra do marido—elegante e bonita, que lhe dá de comer com as suas finas mãos, lhe lê os livros e os jornais, lhe escreve os poemas e os discursos que ele dita, o guia nos passeios e lhe leva á boca, para que ele beije, três criancinhas pequenas, lindas como ela e vivas como ele, que a ambos incutem coragem para a peleja humanissima em que triunfam alegremente. Com as mãos decepadas pela metralha, ceguinho de fogo, mas não de esperanças, Carlo Delcroix é uma figura energica e simpatica. Quando fala, tem a voz musical dum teclado. A fronte alta, o cabelo ralo e aloirado, sorridente e expedito na marcha, entristece-nos quando o contemplamos, novo ainda e a tatear o chão, não para procurar a cova do fim, mas a firmeza para novas glorias. Carlo Delcroix crê, ama, viaja, prega e vence. Vence a propria desdita que lhe roubou a luz dos olhos. Os seus versos, os seus discursos politicos, as suas orações á Patria e os seus conselhos de bruxo aos homens do Fascio, são hinos de fé e de encorajamento á acção. Ficou-lhe o jeito de comandar, de avançar para a gloria, de arrostar, cantando, com a morte pelo amor á vida; e a mágoa que a começo nos perturbou ao vê-lo rs teaoinnn ma-se em admiração quando ele fala. Lê-lo é contagiar-se pela sua verdade. Delcroix é um vidente de olhos cerrados que se transfigura ao sonhar alto. Chamam-lhe profeta, a esse cantor das certezas heroicas, das grandes verdades humanas, das crenças na Patria e sossego em Deus.

Hoje em Florença, diante de Podestá que lhe entregou a medalha, ao mesmo tempo que os demais mutilados ofertavam á sua inseparavel colaboradora um molho de cravos—os cravos de S. João!—o seu agradecimento foi mais uma oração ao Triunfo. Marinetti saudava-o numa burilada oratoria; a multidão aplaudira-o; os pendões da Comuna acenavam-lhe numa homenagem de efeito; mas a sua voz trepou mais alto e ensinou ao povo italiano a ter coragem, como ele teve, para esperar o premio que merece.

Ao lê-lo hoje no seu livro premiado—

(Vêr continuação na pagina seguinte)

"EPOPEIAS, dialogos com Deus"

por Antonio Marques Matias

Minha mãi, o teu menino
Vai começar a viver...
— Ha lobos no meu destino,
E eu não me sei defender.

Quero dormir, com receio
De ver a morte e gritar...
Mas o sono inda não veio,
E a morte vai já chegar.

Chamam por mim, — Quem será?
Meu mêdo torna-me em cal.
— O' morte corre, vem já,
Que me querem fazer mal!

Estou quieto. Tenho mêdo.
Recuso-me a caminhar:
Tem sombras o arvoredo,
— Os lobos podem lá estar...

A minha sombra oscilou.
Ai, meu Deus, eu vou morrer!
Filho dos homens não sou,
— Tenho mêdo de me ver.

Marinheiro vou ao mar,
Ha Indias a descobrir —
Mas sinto os lobos uivar,
— Decerto, vão-me engulir...

Oiço um rumor a meu lado —
O', meu Deus, quem vem aí?
— Estou morto de fatigado,
E ainda me não movi...

E fico sempre parado
Com vontade de não estar;
— Sou um navio acabado
Que treme de ver o mar.

E' de lei, — eu vou partir,
Embora regresse morto,
Mas oiço as feras rugir
E fico preso no porto.

Tenho mêdo de matar
E ser o resto da guerra;
— Se é pobre quem vai ao mar,
Coitado, quem fica em terra!

Ha lobos no meu destino
E eu não me sei defender...
— Minha mãi, o teu menino
Já desistiu de viver.

II

«Caminham sombras negras pelas casas,
Ha mêdos ignorados pelos cantos...
Eu não posso fugir, mas terei asas
No instante de comerem os meus prantos!»

«Menino, vá-se deitar!
Não anda ninguem na rua...
«Minha mãi eu quero a lua,
Quero ser o Rei-luar!»

Soluça o vento lá fora, deslumbrado,
— Filarmonica astral da minha rua;
Em vão, a minha carne quere luar: —
Onde o levaram flébil dos meus olhos,
— Abismos insondaveis de chorar?
Deitaram sal no ventre hostil da lua,
E os lobos vão descer ao povoado...
O luar é morto e um mundo abandonado
Nas vis encruzilhadas do destino...
Ai, do infante débil e franzino,
Errando nos pinhais, á meia-noite,
Perdida a mão de Deus, — morto o luar!
— Meu filho, dorme, dorme sossegado!

— Vai passando o entêrro do luar;
O ventre do meu ceu já foi rasgado!
Eu vou nascer, minha mãi! Eu vou chegar!
Olha o meu quarto escuro iluminado!

— Sim, meu filho! Mas dorme sossegado!

O menino não melhora.
Batem á porta. — Quem vem?
Noite morta. — «Minha mãi,
Sinto Deus andar lá fora!»

«Cheguei, enfim! cheguei! Só me saudaram
Os pobres e as crianças e os doentes;
Eu venho condenar os que pecaram
E salvar os inocentes!»

Deixem dormir o menino
Um sono bem descansado!
Que será do seu destino?

— Andam lobos no telhado.

ANTONIO MARQUES MATIAS

(Do livro «Epopeias, dialogos com Deus»).

OS LIVROS DA SEMANA

REALIDADE, NEBULOSIDADE E FALSIFICAÇÃO,
por José Bacelar
ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO BERGSONISTA,
por Guilherme de Castilho

E'-nos muito dificil, a nós, portugueses, encontrarmos equilibrio entre as nossas varias faculdades e tendencias. Aquilo a que os franceses chamam *juste milieu* é de nós desconhecido. Por isso se verifica entre nós este fenomeno curioso: pensadores a pensarem com a imaginação e pensadores a pensarem com a memoria. Isto é — ausencia de pensadores, a menos que venha a demonstrar-se que a actividade pensante diz directamente, respeito a qualquer destas faculdades: imaginação ou memoria.

Reflectir constitue um verdadeiro trabalho de Hercules para a maior parte dos portugueses. A reflexão é, na verdade, determinada, principalmente, por um acto de retensão do homem sôbre si proprio. Para reflectir precisa o homem de não imaginar demasiado nem de se lembrar em excesso. Reflectir é encontrar o ponto exacto em que convergem as nossas possibilidades de futuro com as nossas reservas de passado. Um espelho só devolve a imagem presente. A reflexão é uma especie de espelho. Por isso se não pode dar o nome de reflexão senão ao acto pelo qual o homem tenta apreender a sua verdadeira imagem no momento em que reflete. Eis o que o português tem dificuldade de pôr em prática. Quando procura reflectir—ou pensar—usa em geral um dêstes dois processos: ou correr atraz das sugestões que a imaginação lhe proporciona, ou lançar mão dos conhecimentos recolhidos em obra alheia. Resultado: um poema ou uma obra de erudição.

A justa medida seria, evidentemente, não se cair em nenhum dêsses lamentaveis excessos. Dificil coisa! Desde os bancos das escolas que os portugueses aparecem inclinados para um dêles. No jovem estudante denuncia-se imediatamente o futuro lirico ou o futuro erudito. Porque todo aquele em quem a imaginação já burbulha tende a menosprezar o que lhe ensinam, vagamente advertido de tudo vir a saber graças á mesma imaginação. Por outro lado, aquele a quem os deuses não sagraram poeta propenderá a tudo aprender certo de que toda a ciencia está nos livros. E a verdade é o tipo intermedio entre estes dois rarear. O rapazinho com tendencias simultaneamente imaginativas e memorativas é *avis rara*. Aquele que se procura disciplinar pelo estudo e pela investigação acaba, em geral, por nada revelar de si e do mundo. Quando não caia na erudição cairá, talvez, no fanatismo da razão: nada saberá dizer fora dos rigidos moldes da inteligencia, escravo do seu formalismo. E' como se lhe tivessem cortado as asas.

Trata-se de incapacidades ingenitas? Talvez não. Ah! como é dificil educar anormais!A verdade é que se trata de uma anormalidade. E a nossa educação está feita para normais. Quem estiver á espera de vêr educado pelas escolas este adolescente desequilibrado que é o português pode perder a esperança. Só ha um meio de cura: o auto-tratamento. Cada português tem de se converter em medico de si proprio. Com aplicações a frio de espirito critico, talvez o mal venha a atenuar-se. Mas seriamos injustos se não reconhecessemos o esfôrço de uma meia duzia que, no meio da incompreensão quasi geral vai prosseguindo no seu exame de consciencia, heroica e intemeratamente.

* * *

Na boa direcção caminha, por exemplo, José Bacelar. Os seus dois volumes de reflexões aforisticas publicados, o ano passado, com o titulo bem significativo de *Revisão* podem considerar-se das contribuições mais sérias para o estudo da nossa doença. Como espirito dotado de excepcionais faculdades de analise e de invulgares dons de imaginação psicologica, José Bacelar estava indicado para fazer o diagnostico do mal e ao mesmo tempo lançar as bases para a criação de uma consciencia psicologica do português. Que José Bacelar não é só bem dotado de imaginação psicologica. José Bacelar tem esse dom e sabe que o tem. Não é outra a razão da sua obra.

Realidade, nebulosidade e falsificação (Cadernos da *Seara Nova*) é uma nova obra de José Bacelar. Desta vez, o autor de *Revisão* trocou o aforismo pelo ensaio. E fez bem. O aforismo é um genero perigoso. Para o homem, um animal de habitos que tem como lei psicologica o menor esfôrço, o aforismo pode constituir-se num meio demasiado comodo de expressão. Ora a verdade é não caber tudo no aforismo. Não cabia no aforismo, por exemplo, a idéa fundamental dêste ensaio de José Bacelar. Quere dizer: perderia a sua fôrça, desde que reduzida a uma forma definitiva e lapidar. E se os aforismos de J. Bacelar manifestam quasi sempre movimento analitico, o certo é neste ensaio esse movimento se alargar até uma total amplitude. Se alguma coisa tivessemos a lamentar nos aforismos da *Revisão* seria talvez terem ficado por ali idéas dignas de mais ampla explanação. Agora José Bacelar teve oportunidade de exercer o seu pensamento diante do leitor. Em vez de nos dar um pensamento elaborado—deu-nos o proprio pensamento em laboração.

Nesta obra, José Bacelar acomete o problema da carencia de dons psicologicos no português. A ela atribue, em grande parte, a responsabilidade da nossa desorientação no campo da actividade intelectual. Ora para José Bacelar a «psicologia é uma arte e não uma ciencia», como escreve a pag. 4 e 5 do seu ensaio, «ou seja uma actividade do espirito que não tem um processo de investigação estabelecido e não está assim, mais ou menos, ao alcance de todas as inteligencias (ou de todos os generos de inteligencia, se preferem), uma actividade em suma para a qual não bastam, como bastam, até certo ponto pelo menos, para a ciencia, o estudo e a aplicação.» E enumera a seguir os dons que a actividade psicologica requere: «Sensibilidade para todas as coisas dêste mundo em primeiro lugar, dura coragem e lealdade perfeita na introspecção, comunhão piedosa e, ao mesmo tempo, frieza distante na observação dos outros, liberdade de espirito indo até á aceitação de todas as singularidades, de todas as *monstruosidades* da alma humana, larga visão do ambiente e da condição do fenomeno Homem (o que não vai possivelmente sem um certo desprendimento desta terra); e ainda (qualidades estas que ele tem em comum com o cientista), necessidade constante de rigor na associação logica das varias constatações, capacidade e ao mesmo tempo prodencia de generalização, escrupulo infinito de precisão na linguagem...» (pag. 5).

A enumeração foi longa, mas não havia outro meio de pôr em evidencia o que José Bacelar considera fundamental em toda a actividade psicologica. Pela sua discriminação, precisa e subtil, vê-se bem que José Bacelar sabe pôr o dedo na ferida. Na verdade, á carencia dêstes dons devemos atribuir em não pequena parte o limitado dos nossos horizontes espirituais. Para todos aqueles que ainda não deixaram de considerar o homem centro do mundo a ausencia de tais dons tem de ser considerada como primacial factor de todas as calamidades que vão acometendo o *homo intelectualis*. Mas José Bacelar precisa alguns casos em que directamente se faz sentir a falta dos dons psicologicos. Sem eles não se poderá distinguir o *escritor flagrante* (é este o nome que lhe dá Bacelar) do *escritor nebuloso*. Quere dizer: segundo ele, a falta de sentido psicologico é responsavel, em relação simultaneamente ao escritor e ao leitor, de um não atingir o alvo que se propõe visar e do outro não saber distinguir o escritor que o atinge, do escritor que o erra. «O escritor nebuloso» diz Bacelar «esse não pode ter consciencia dos seus malogros, e percorre o seu falso caminho com o mesmo passo seguro com que o bom psicologo percorre o seu, podendo acontecer até que marche com mais confiança, com mais á vontade, com mais desenvoltura do que o outro», «inferioridade esta que vem dar paradoxalmente aos seus escritos um «tom» de autoridade que muitas vezes o verdadeiro psicologo não tem».

O efeito no leitor é perfeitamente claro: total inversão de valores. O homem, afirma José Bacelar, «é contra tudo quanto dêle se tem dito, estruturalmente um modesto; não tem por isso confiança em si. E se uma questão de amor-proprio não intervem, se se encontra totalmente a sós consigo mesmo, estará pronto a admirar predominantemente aquilo justamente que não consegue entender. Ora como, tal, como acabamos de vêr, o psicologo profundo é mais bem compreendido por ele do que o nebuloso, segue-se que na grande maioria dos casos *o leitor mediocre considerará mais profundo aquele justamente que menos o é*, quere dizer, o pensador nebuloso» (pag. 12 e 13).

Não há maneira de nos não rendermos á subtilissima observação de José Bacelar. E' exactamente assim. Mas onde o problema atinge gravidade é nas remotas consequencias desta desorientação. Do escritor nebuloso passa-se, com toda a facilidade, para o falsificador. E a literatura portuguesa é um ninho de falsificadores. «Na impossibilidade dum contrôle de qualquer espécie para as coisas do espirito», continua Bacelar, «sucederá o que sucede em tais casos seja em que ramo da actividade humana fôr:—surgirá a falsificação». E por contrôle das coisas de espirito já sabemos que entende José Bacelar «essa intuição do mecanismo da alma humana que permite até certo ponto compreender e explicar *justamente* alguns dos actos e mutações dos nossos semelhantes».

Talvez José Bacelar esconda nessa intuição alguns outros elementos que se nos afiguram fundamentais para o desenvolvimento da nossa fauna de falsificadores. Refiro-me á carencia, no português, de espirito critico e de cultura: no português que escreve e no português que lê. Português com o dom da palavra é um sujeito capaz de todas as audacias. Pouco lhe falta para se propôr desbancar maduros filosofos. Tal sujeito supõe-se possuido dos dons do Espirito Santo. Resultado: falsificação. Quando não fasificação, lamentável e pedante insistencia em problemas ou de há muito resolvidos pelos verdadeiros pensadores ou nésciamente postos pelos pseudo-pensadores nacionais.

A ultima parte do ensaio de José Bacelar dá-nos uma visão desesperada—lucidamente desesperada — da vida intelectual portuguesa, repartida entre *escritores nebulosos e falsificadores*. E nada de acusar Bacelar de pessimista. A situação, é tragica. Uma esperança de resgate nos acena, porém. Haver portugueses capazes de atacarem precisa e lealmente a lepra que nos corroi é prenuncio de melhores dias. Antero de Quental bem sabia que mostrar á peninsula as causas da sua decadencia era contribuir para as anular. E Antero já era um paladino do resgate. Além disso Bacelar temnos dado, com nobreza e severidade, um exemplo de pensar em profundidade. A maneira de aprofundamento reflexivo por ele usada é talvez um dos melhores caminhos para o exame de consciencia geral do espirito português. Efectivamente, não será o pensar segundo sistemas e doutrinas pre-aceites causa da falta de profundidade do pensamento português? Adoptar o raccionalismo de Descartes, o empirismo de Hume, o fenomenologismo de Husserl ou o intuicionismo de Bergson parece-me cómodo.

E se é absolutamente indispensavel conhecer os principais sistemas filosóficos para bem pensar—pelo menos para não pensar de maneira primária—o certo é que pensadores integrados em pensamento alheio nos não têm faltado. Um Pedro Hispano ou um Padre Teodoro de Almeida não pensaram mal—mas não pensaram com profundidade. Quere dizer: temos prestado já provas de capacidade especulativa. Dado o sistema, ou o metodo, nós sabemo-lo desenvolver. Mas não é isso o mais importante. Afigura-se-me necessario que o homem se procure a si proprio pela reflexão livre. Não foi o que fez Montaigne? Não o está fazendo Alain? Eis por que José Bacelar merece os nossos aplausos. Uma obra gerada na reflexão, na análise psicológica, no aprofundamento do eu—eis do que nós mais carecemos. José Bacelar parece-nos bem orientado nesse sentido. A sua *Revisão* e este ensaio são mais do que promessas—são belas realidades.

* * *

E' certo esta literatura ter hoje uma atmosfera favoravel. Se em todos os tempos houve escritores reflexivos—não o teriam sido Goethe, ou Nietszche, ou Amiel?—a verdade é haver actualmente correntes filosoficas que facilitem a sua eclosão. A valorização da *essencia* e da *intuição* feita pelo fenomenologismo de Husserl e pelo chamado intuicionismo de Bergson é um agente importante a concorrer para o aparecimento de pensadores a-sistematicos.

Guilherme de Castilho, que se assinalaara com *um ensaio de compreensão poetica* sôbre Alberto Caeiro (Fernando Pessoa), publicado na *Presença* n.º 48, trabalho de uma aguda penetração, deu agora á estampa uma dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras de Coimbra com este titulo: *Eensaios de interpretação bergsonista*. Trata-se, na verdade, antes de um ensaio do que de uma dissertação, no sentido trivial—obra de erudição tacanha. O professor Joaquim de Carvalho é um espirito suficientemente amplo para aceitar e apreciar como merece, disso estamos certos, um trabalho que como este, sai fora dos moldes. E' certo que a simpatia com que Guilherme de Castilho encara a obra e a personalidade de Bergson talvez possa ter prejudicado o seu ensaio. Guilherme de Castilho afirma-se amorosamente bergsonista. O que não é dificil de compreender. Guilherme de Castilho é uma sensibilidade estetica. A fisosofia de Bergson teve sempre um grande poder de sugestão sôbre as sensibilidades deste genero. Além de que Guilherme de Castilho se me afigura pertencer tambem ao numero das inteligencias destinadas a *bulir no essencial*. Tudo isto Bergson favorece admiravelmente.

O ensaio de Guilherme de Castilho compõe-se de uma *Introdução* e de duas partes: *A Duração Concreta* e *A Intuição*. Parece-me que Guilherme de Castilho desenvolveu demasiado a *Introdução* em prejuizo da propria substancia da obra. E' certo que o seu ensaio se apresenta como a primeira parte de um trabalho mais vasto sôbre Bergson. Mas nós estamos tão habituados a estas *dissertações primeiras partes de obras mais vastas* a realizar—quantos professores se ficaram por aí!—que receamos, aliás sem fundamento neste caso particular, que Guilherme de Castilho não leve ao fim o seu intento. Oxalá nos enganemos. Seja como fôr, há desequilibrio no desenvolvimento deste ensaio. Mas isso não o inibe de ser talvez, nas suas reduzidas proporções, o trabalho mais serio e mais compreensivo que em Portugal se tem escrito sôbre a filosofia bergsonista. A' parte os entusiasmos juvenis do estilo, que roça aqui e além pela poesia, o ensaio de Guilherme de Castilho põe-nos em contacto com alguns pontos essenciais da filosofia de Bergson: a duração concreta e tempo homogeneo, a intuição, o conceito de inteligencia, pensamento simbolico e assimbolico. A estetica bergsonista tão intimamente relacionada com o conceito de duração bergonico, merece a Guilherme de Castilho das melhores considerações da sua obra. Na verdade, sou em crer que é esse um dos aspectos do pensamento de Bergson, que teve não só maior influencia no seu tempo como virá a ser uma das contribuições eternas da sua filosofia. Nem Kant, nem Hegel—e Hegel foi quanto a mim um dos filosofos que mais fundo penetraram o fenomeno estetico, nem um nem outro atingiram a penetração, simultaneamente psicologica e metafisica, do problema que Bergson atingiu Por isso Guilherme de Castilho escreve com inteira justiça: «Bergson eleva a criação estetica, conferindo-lhe uma missão paralela á da filosofia».

Não obstante denunciar, aqui e ali, precipitação e mesmo acanhamento, o estilo que Guilherme de Castilho emprega na sua obra afigura-se-me dos mais proprios para cingir as nuanças do pensamento filosofico. A necessidade de se fazer compreender, leva-o a uma insistencia que me parece dos dons mais apreciaveis num escritor de idéas. Eis um exemplo da sua prosa:

«*Analisar* (tomo a liberdade de substituir o *z* pelo *s*) consiste em exprimir um objecto em função doutro conhecido; ou antes: analisar consiste em definir um objecto por atributos que lhe não pertencem; melhor: exprimir uma coisa em função daquilo que ela não é. Pelo contrario, ter o conhecimento intuitivo duma realidade é conhecer a propria realidade no que ela tem de unico, de especifico, exprimi-la pelos seus elementos de diferenciação existencial».

E fiquemos aguardando a interpretação total do pensamento filosofico de Bergson. Esta amostra é de molde a desejarmos o resto.

JOÃO GASPAR SIMÕES

VIAGEM NA ITALIA

O poeta Carlos Delcroix

(Continuação da pagina anterior)

«La parola come azione»—que me ofertou no seu regresso ao hotel, eu fiquei cismando, e com certa amargura, nos «direitos» que os portugueses tambem têm e não sabem ou não querem impô-los, primeiro a si proprios e depois ao mundo todo, deixando de queimar o sangue herdado dos seus herois na intriga fratricida e na descrença suicida em que vivemos, amando o Sol que Deus nos dá, a Vida que Deus nos oferece e a Patria que não tem culpa dos nossos erros, com fé no futuro e apoiados no passado.

Que grande e salutar lição a deste ceguinho que vê mais do que se tivesse os olhos abertos, como nós todos!

Neste dia Santo da minha terra, depois da bondade do ceu que me ofertou a ilusão dum arraial de S. João, foi Deus uma vez mais generoso comigo, fazendo-me vêr pelos olhos sacrificados deste Poeta e deste Soldado a beleza eterna das cousas, a majestade das almas e o valor da Vida!

Viareggio, 24-VI-37.

DIOGO DE MACEDO